

**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICODRAMA
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DO RIO GRANDE DO SUL
IMED – INSTITUTO MERIDIONAL/PASSO FUNDO
FORMAÇÃO EM PSICODRAMA – NÍVEL I**

GABRIEL AYDOS MAIA

**SOCIOPSICODRAMA E SAÚDE/EDUCAÇÃO: TRABALHO COM UM
GRUPO DE PÚBERES NA PERIFERIA**

**PORTO ALEGRE
2015**

GABRIEL AYDOS MAIA

**SOCIOPSIKODRAMA E SAÚDE/EDUCAÇÃO: TRABALHO COM UM
GRUPO DE PÚBERES NA PERIFERIA**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Instituto de Desenvolvimento Humano de Porto Alegre (IDH-RS), como requisito para obtenção do título de Especialista em Sociopsicodrama e Psicodramatista - nível I, Foco Socioeducacional.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Júlia Maria Casulari Motta

**PORTO ALEGRE
2015**

*Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo,
Espécie de acessório ou sobressalente próprio,
Arredores irregulares da minha emoção sincera,
Sou eu aqui em mim, sou eu.*

Álvaro de Campos

RESUMO

Este presente estudo se propõe a entender e examinar se é possível para um sociopsicodramatista usar o sociopsicodrama para identificar os papéis coletivos de uma determinada comunidade para, em contexto sociopsicodramático, realizar um trabalho com jogos que possibilitem processos de catarse e de criatividade-espontaneidade para desenvolver papéis sociopsicodramáticos mais saudáveis e, conseqüentemente, papéis sociais mais saudáveis também.

Palavras-chave: papel; espontaneidade; criatividade; catarse; sociopsicodrama.

ABSTRACT

This study aims at understand and examining if is it possible to a sociopsychodramatist to use sociopsychodrama to identify collective roles of a certain community for, in a sociopsychodramatic context, developing a work using games to foster creativity-spontaneity and catharsis processes to reach healthier sociopsychodramtic roles and, consequently, healthier social roles.

Keywords: role; spontaneity; creativity; catharsis; sociopsychodrama.

SUMÁRIO

1	MOTIVAÇÕES DO AUTOR PARA O TEMA.....	08
2	JUSTIFICATIVA.....	10
3	OBJETIVO GERAL.....	11
3.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
4	METODOLOGIA.....	11

CAPÍTULOS:

1	CONCEITOS DO SOCIOPSIODRAMA: UMA REVISÃO PARCIAL DA TEORIA.....	12
1.1	TEORIA DOS PAPÉIS.....	12
1.2	A GRANDE FUNÇÃO DO SOCIODRAMA.....	18
1.3	JOGOS.....	22
1.4	ESPONTANEIDADE/CRIATIVIDADE.....	26
1.5	CATARSE.....	28
2	PROCESSAMENTO.....	32
2.1	O RELATO MACROESTRUTURAL DO GRUPO.....	32
2.1.1	PRIMEIRO BLOCO.....	33
2.1.2	SEGUNDO BLOCO.....	34
2.1.3	TERCEIRO BLOCO.....	36
2.1.4	QUARTO BLOCO.....	37
2.1.5	QUINTO BLOCO.....	38
2.2	CONCLUSÕES DO PROCESSAMENTO.....	38
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
4	REFERÊNCIAS.....	44
5	ANEXO – RELATO DOS ENCONTROS.....	45

1. MOTIVAÇÕES DO AUTOR PARA O TEMA

Um pouco antes de 2010 quando fazia terapia de grupo, soube, através da minha excelente terapeuta Marta Echenique, da existência do Psicodrama. Soube também da existência de uma turma nova de uma especialização em Sociopsicodrama que iniciaria suas aulas no ano de 2010. Muito interessado pelos efeitos que já conseguia perceber em mim da terapia e um crescente interesse pela filosofia psicodramática e sicionômica – que me era explicado pelos gestos, falas, formas de pensar e atitudes da Marta em terapia –, encontrei-me com a possibilidade – e com o meu querer – de estudar e entender mais aquelas ideias que eu começava a entrar em contato.

Comecei então em 2010 a estudar e a vivenciar esta linha da psicologia que começou a me apresentar toda uma nova maneira de enxergar o mundo, os outros e a mim mesmo. Uma filosofia que me ensinou, e vem me ensinando a cada dia que trabalho com ela, que o ser humano é um ser com todas as potencialidades para a saúde, que o ser humano é um gênio em potencial e que só precisa encontrar os meios certos para poder se realizar em sua plenitude.

Desde então venho cada vez mais conhecendo essa forma de trabalhar que nos possibilita ver que o lugar saudável do EU só é possível em parceria com o TU, e que quando EU e TU se encontram e se veem, temos a possibilidade de vivenciar um dos eventos mais lindos da terra: o encontro entre dois seres, o encontro onde “as duas pessoas estão com todas as suas fraquezas e forças, dois atores humanos fervilhando de espontaneidade, só parcialmente cômicas de seus propósitos mútuos” (MORENO, 1978, p.307). E esse Encontro é como um veículo de saúde onde cada EU dessa inter-relação se torna um instrumento de crescimento mútuo: um EU que se encontra com outro EU e forma um NÓS. NÓS que juntam, NÓS que nos aproximam pelo bem querer, NÓS que unem as cordas das nossas vidas umas nas outras formando uma rede de troca saudável, formando a rede da existência.

O sociopsicodrama me cativa pela possibilidade de sempre procurar trabalhar pela saúde, de sempre procurar trabalhar acreditando no potencial de cada indivíduo para encontrar o seu caminho mais saudável e positivo para si; pela possibilidade do indivíduo encontrar as respostas que precisa para decifrar as questões que a vida apresenta. O sociopsicodrama para mim é uma ferramenta que auxilia a pessoa a

encontrar as respostas que precisa para suas perguntas e para as perguntas que a vida impõe, conseguindo assim ter mais integridade consigo mesma, ter mais potência na sua existência. Uma ferramenta que através de suas concepções, métodos de trabalho e filosofia, cria a possibilidade de nós nos encontrarmos com nossa sombra e com nossa luz com o intuito de nos conhecermos mais e nos melhorarmos.

Dentro desse entendimento, dessa filosofia e dessas palavras, escolhi pesquisar e ver como isso funcionava mesmo na prática, ficando assim responsável por um período de um ano (março–novembro de 2013) por um grupo de, inicialmente, oito meninos entre 8 e 11 anos de idade, onde trabalhamos com as bases teóricas e práticas do sociopsicodrama. Foi uma experiência bem intensa e um tanto enriquecedora. O grupo de meninos faz parte de um SASE (Serviço de Atendimento Sócio Educativo) de uma comunidade de baixa renda da cidade de Porto Alegre. Uma comunidade que – como grande parte das comunidades do Brasil, principalmente aquelas que são colocadas mais às margens das nossas cidades – apresenta um número alto de eventos que estão relacionados às temáticas de tráfico de drogas, violência, violência sexual, etc. Mas é claro que essas comunidades também apresentam, algumas vezes ou muitas vezes, potencialmente os elementos para a saúde. E é por esse motivo que, mais ainda, me senti motivado a trabalhar lá. Pois era a possibilidade de ver o sociopsicodrama na prática, a possibilidade de ver se o sociopsicodrama realmente tem a capacidade de reconhecer o ser humano como um todo, tal como é, e criar um ambiente continente para que ele possa trazer suas questões para trabalhá-las até chegar ao ponto de conseguir, cada vez mais, reconhecer as suas sombras, podendo assim entendê-las, e cada vez mais conhecer também as suas potencialidade e qualidade positivas para alimentá-las e desenvolvê-las.

2. JUSTIFICATIVA

Então, baseado nisso que foi dito até agora nos parágrafos acima, este trabalho é o resultado dessa busca de analisar como é que encontros de Sociopsicodrama podem ser usados para se tratar de questões de um grupo de púberes em busca de saúde e verificar se o sociopsicodrama é uma ferramenta que pode auxiliar a encontrar uma maneira melhor de lidar com determinadas questões como, por exemplo, a violência. De uma maneira mais específica este trabalho buscará entender se é possível para um sociopsicodramatista usar o sociopsicodrama para identificar os papéis coletivos de uma determinada comunidade para, em contexto sociopsicodramático, realizar um trabalho com jogos que possibilitem processos de catarse e de criatividade-espontaneidade para desenvolver papéis sociopsicodramáticos mais saudáveis e, conseqüentemente, papéis sociais mais saudáveis também. Ao longo deste TCC apresentarei inicialmente uma revisão parcial da teoria sociopsicodramática. Logo após realizarei um processamento onde faço um relato macroestrutural de todos os encontros realizados ao longo do ano com os meninos, relacionando-os com a teoria. No momento seguinte realizo as conclusões do processamento, onde resgatarei os objetivos gerais e específicos tentando verificar se foi possível ou não realizá-los ao longo deste TCC. E ao final faço as considerações finais costurando os conceitos apresentados com a experiência vivenciada junto com os meninos.

3. OBJEIVO GERAL

Entender e examinar se é possível para um sociopsicodramatista usar o sociopsicodrama para identificar os papéis coletivos de uma determinada comunidade para em contexto sociopsicodramático realizar um trabalho com jogos que possibilitem processos de catarse e de criatividade-espontaneidade para desenvolver papéis sociopsicodramáticos mais saudáveis e, conseqüentemente, papéis sociais mais saudáveis também.

3.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A partir da experiência de acompanhar o grupo por um período de nove meses, este trabalho busca relacionar os movimentos do grupo com a teoria do sociopsicodrama para mostrar os acontecimentos que ocorreram no grupo, ao longo do ano, que nos dão indícios de que o trabalho terapêutico apresentou passos importantes na evolução da saúde. Baseado nisso, os objetivos específicos são:

- a) verificar o que aconteceu com a temática da violência física;
- b) verificar o que aconteceu com a temática da violência sexual;
- c) verificar como a temática da sexualidade foi trabalhada;
- d) verificar como as interações dos meninos, em nível grupal, se estabeleceram;
- e) verificar como foi o processo de conclusão dos encontros com o grupo.

4. METODOLOGIA

Este trabalho buscou realizar um estudo de caso onde procurou apresentar as movimentações temáticas do grupo e analisar, à luz de alguns conceitos chave do sociopsicodrama, os eventos ocorridos no grupo com o intuito de verificar e apresentar indícios de uma evolução grupal no sentido de uma melhor unidade, de uma melhor interação, de uma interação menos agressiva, e de um convívio mais saudável que o grupo de meninos começou a apresentar nos encontros.

CAPÍTULO I

1. REVISÃO PARCIAL DA TEORIA SOCIOPSIODRAMÁTICA

Aqui neste capítulo serão revisados alguns dos conceitos do sociopsicodrama que são centrais para que se faça uma leitura dos eventos que ocorreram nos encontros realizados no ano de 2013 com um grupo de meninos de um SASE de uma comunidade de Porto Alegre. Esses conceitos serão revisados aqui, pois no processamento serão de grande importância para um entendimento mais claro dos processos que aconteceram no grupo.

1.1. TEORIA DOS PAPÉIS

Começarei esta revisão teórica com o conceito de papel, pois vejo que é ele o conceito central que funciona como fio condutor deste trabalho realizado com os meninos do SASE e escrito aqui. Acredito que o conceito de papel seja um dos conceitos chaves de toda a teoria moreniana e de toda a nossa vida, pois é a partir dos papéis que exercemos que nosso EU se forma. O conceito de papel traduz a essência de qualquer *inter-ação* que ocorra entre duas pessoas ou mais, portanto traduz a essência deste trabalho.

O conceito de papel, em essência, pode ser definido como toda e qualquer resposta (reação) que uma pessoa apresenta para uma pergunta (ação) que lhe foi dirigida num momento específico. “O papel pode ser definido como as formas reais e tangíveis que o eu adota” (MORENO, 1978, p.206), ou “o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos.” (MORENO, 1978, p.27).

O papel é a forma que o EU pode ser visto pelo TU de uma *inter-ação*, é a forma que um EU pode conhecer e reconhecer um TU. É nas *inter-ações* entre o EU e o TU de uma relação que eles podem se conhecer e se constituir. Pois é na ação, na expressão que o EU apresenta e manifesta que ele se realiza. É por isso que Moreno (1978, p.210) afirma que os “papéis não decorrem do eu, mas o eu pode emergir dos papéis”.

Dentro desta parte da teoria de Moreno é bem importante termos bem claros alguns aspectos: a) Tipos de Papel; b) Fases de Aquisição Papel e c) Contextos em que o Papel Emerge.

- a) Os Tipos de Papel são: Papéis Psicossomáticos, Papéis Psicodramáticos e Papéis Sociais.
- b) As Fases do Papel são: Role Taking, Role Playing e Role Creating
- c) Os Contextos que o papel emerge são: Contexto Social, Contexto Grupal e Contexto Psicodramático (ou Sociopsicodramático)

Os *Papeis Psicossomáticos* são os primeiros papéis desenvolvidos por um ser humano. São os papéis também chamados de fisiológicos. São os papéis da criança que dorme, come e faz seus dejetos, por exemplo. São os papéis de reconhecimento do funcionamento do próprio corpo perante as necessidades fisiológicas em interação com o ambiente externo.

Os *Papéis Psicodramáticos* são os papéis que surgem a partir do momento em que a brecha entre fantasia e realidade aparece. São os papéis que a criança desenvolve e que constituem um mapa mental de como aquela determinada criança vê, sente, analisa e processa o mundo ao seu redor. Os papéis psicodramáticos são os papéis que, segundo Moreno (1978, p.26), “ajudam a experimentar o que designados por ‘psique’”. Ou seja, entre outros entendimentos, podemos dizer que é a maneira como o indivíduo experimenta cada papel, a maneira como a pessoa, dentro de sua psique, elabora, entende, sente e imagina um determinado papel.

Outro exemplo que também é dado por Moreno é que podemos entender os papéis psicodramáticos como: “*uma* mãe, *um* filho, *uma* filha, *um* negro, *um* cristão.” Ou seja, o artigo indefinido *um* e *uma* sugerem toda aquela parte ideal do papel, toda aquela parte do papel que possui um caráter coletivo; mas que também possui os pontos de vista e interpretações particulares daquele indivíduo, pois “todo papel é uma fusão de elementos privados e coletivos... Um papel compõe-se de duas partes: o seu denominador coletivo e o seu diferencial individual”. (MORENO, 1978, p.113, nota de rodapé nº 33). O contexto mais adequado para conhecer esses papéis é o *Contexto Psicodramático* (ou *Sociopsicodramático*).

Os *Papéis Sociais*, segundo Moreno (1978, p.26), “desenvolvem-se numa fase subsequente e apoiam-se nos papéis psicossomáticos e psicodramáticos, como formas anteriores da experiência.” Ou seja, os papéis sociais (juntamente com os psicodramáticos) são os últimos papéis a emergir na constituição do EU. É o momento no qual o indivíduo está desempenhando um papel na sociedade, na *polis*, no *socius*.

Outro exemplo que Moreno (1992, v. I, p.178) usa é a definição dos papéis sociais como “*a* mãe, *o* filho, *a* filha, *o* negro, *o* cristão.” Ou seja, o artigo definido *o* e *a* sugerem a especificidade do papel. Aqui estamos falando da filha ou da mãe específica tal como atuam no mundo. É a individualidade de uma determinada pessoa desempenhando aquele determinado papel em um determinado momento em um contexto social.

Já vimos então os tipos de papéis. Agora, outro ponto importante dentro desta área dos papéis da teoria de Moreno são as Fases de Desenvolvimento do Papel:

- 1) Role Taking;
- 2) Role Playing;
- 3) Role Creating.

Pois são essas fases, nessa ordem expressa, que promovem o desenvolvimento do papel. E quanto mais próximo um papel está da fase 3 (Role Creating) mais desenvolvido este se encontra.

Então se entendemos que um *Papel Social* é uma forma final que foi possível de ser encontrada a partir da soma dos papéis psicossomáticos e psicodramáticos de um indivíduo que, a partir de sua vivência das fases de Role Taking, Role Playing e Role Creating, cristalizou uma forma de agir no contexto social – como afirma Moreno (1978, p.206) “o papel é uma cristalização final de todas as situações numa área *especial* de operações por que o indivíduo passou (por exemplo, o comedor, o pai, o piloto de avião)” – é importante nos perguntarmos o que acontece antes dessa cristalização final. É aqui, então, que entra as *Fases do Papel*.

Pois se o EU de um homem só existe no mundo ao se realizar na forma de um papel, vejo que o objetivo do ser humano é cada vez mais conseguir trazer para o contexto social os seus papéis sociais, os quais “desenvolvem-se numa fase subsequente e apoiam-se nos papéis psicossomáticos e psicodramáticos, como formas anteriores da experiência.” (MORENO, 1978, p. 26). Ou seja, a busca do EU deve ser, cada vez mais,

entender seus papéis, psicossomáticos, psicodramáticos e sociopsicodramáticos para que possa realizá-los de forma saudável como papéis sociais em contextos sociais no mundo. Pois quanto mais o EU entende seus papéis psicossomáticos, psicodramáticos e sociopsicodramáticos e encontra formas adequadas de expressá-los como papéis sociais saudáveis, mais chance de ter saúde esse EU encontra na sua vida.

Pois é essa necessidade que o EU tem em desempenhar papéis que o realiza enquanto EU saudável. Porque a não realização e desempenho de papéis sociais em contextos sociais que satisfaça o EU é o que geralmente causa um sentimento de ansiedade, como afirma Moreno (1978, p.28):

(...) o indivíduo anseia por encarar muito mais papéis do que aqueles que lhe é permitido desempenhar na vida e, mesmo dentro do mesmo papel, uma ou mais variações dele. Todo e qualquer indivíduo está cheio de diferentes papéis em que deseja estar ativo e que nele estão presentes em diferentes fases do desenvolvimento. É em virtude da pressão ativa que essas múltiplas unidades individuais exercem sobre o papel oficial manifesto que se produz amiúde um sentimento de ansiedade.

Só que até um papel chegar nesse estágio saudável de papel social como um papel manifesto e “oficial” do EU em contexto social, ele precisa passar pelas fases de desenvolvimento do papel (*Role Taking*, *Role Playing* e *Role Creating*). Essas fases são de grande importância e podem ser usadas, em contexto sociopsicodramático, para se treinar um papel até o ponto em que este – já mais desenvolvido e saudável – se realize e encontre maior facilidade para ser desempenhado em contexto social como papel social, “oficial”, saudável e manifesto.

No *Role Taking*, o EU está realizando o processo de observação de um determinado papel. O EU observa e pega para ele o papel tal como ele é, produzindo um resultado próximo a de uma imitação. A Fase de *Role Taking* é quando, então, o EU registra os dados necessários para a execução de um determinado papel.

No *Role Playing*, o EU já começa a ter um grau maior de liberdade e começa a se experimentar dentro de um determinado papel. O EU joga, brinca e testa quais são as possibilidades do papel, para, então, conhecê-lo e saber até que ponto e que ferramentas

ele encontra dentro de um determinado papel. É o momento em que o EU experimenta o papel enquanto o explora e o conhece.

No *Role Creating*, o EU já conhece aquele papel e começa, então, a poder usar todos os recursos que o papel oferece, ao mesmo tempo em que, dentro do conhecimento do EU a respeito do papel, acrescenta elementos de criatividade-espontaneidade que fornecem uma característica pessoal do EU àquele papel. É o momento em que o EU cria dentro do papel usando o seu conhecimento do mesmo e usando os elementos espontâneos e criativos que encontra disponível em seu EU.

Pode ser útil distinguir entre adoção de papéis (role taking), que é a adoção de um papel acabado e plenamente estabelecido, o qual não permite variação alguma ao indivíduo, grau nenhum de liberdade; a representação de papéis (role playing), que permite ao indivíduo um certo grau de liberdade; e criação de papéis (role creating), que permite ao indivíduo um alto grau de liberdade como, por exemplo, no caso do ator de espontaneidade. (MORENO, 1978, p.113, nota de rodapé nº 33)

Então sabendo que qualquer tipo de papel precisa passar por essas três fases para ter seu desenvolvimento total e que essas fases são aplicadas aos três tipos de papel (Psicossomático, Psiodramático ou Sociopsicodramáticos e Social) e que os papéis sociais são resultados dos papéis anteriores psicossomáticos e psicodramáticos, entendemos que o produto final *Papel Social Saudável*, possui uma grande caminhada a ser desenvolvida para realizar-se com êxito.

Haja vista o mencionado no parágrafo acima, é interessante lembrar dos recursos oferecidos pelo sociodrama e pelos jogos: o *Role Playing* enquanto técnica – que será mais detalhados nas próximas duas seções, mas que já é introduzido aqui e agora.

O Role Playing ou Desempenho de Papel enquanto técnica sociopsicodramática é:

(...) a personificação de uma forma, de uma existência estranha através da brincadeira. (...) O jogo de papéis pode ser utilizado como método para pesquisar mundos desconhecidos ou para a expansão do eu.” (MORENO, 1999, pp.225-226)

É interessante notar também que:

(...) As crianças usam intuitivamente este método. Quando empregado consciente e sistematicamente para o propósito de treinamento, chama-se *role-playing*. *Role-playing* é personificar outras formas de existência, por meio do jogo. (...) O *role-playing* pode ser usado como técnica para a exploração e para a expansão do eu num universo desconhecido. Para a criança, é provavelmente o método por excelência para encontrar e, se possível, solucionar aquela situação que a desafia.” (MORENO, 1983, pp. 156-157)

A técnica do Role Playing é então uma forma bem prática de se poder trabalhar com os papéis psicodramáticos e sociopsicodramáticos, por exemplo, no intuito de fazer com que estes sejam papéis mais saudáveis e que possam vir a ser papéis sociais realizados em contextos social de maneira também mais saudável.

Então quando se entende essa noção sobre os tipos de papéis, as fases do papel os contextos em que eles emergem, a técnica do role playing e conseguimos conectar isso com os papéis sociopsicodramáticos, entendendo-os como papéis de ordem coletiva que são compartilhados pelos membros de uma comunidade; é possível citar Moreno (1978, pp.413-414), quando diz que:

O sociodrama está introduzindo uma nova abordagem dos problemas antropológicos e culturais, métodos de ação profunda e de verificação experimental. O conceito subjacente nessa abordagem é o reconhecimento de que *o homem é um intérprete de papéis*, que toda e qualquer cultura é caracterizada por um certo conjunto de papéis que ela impõe, com variável grau de êxito, ao seus membros.

Visto isso, é possível entender que os papéis trazidos pelos meninos ao longo do ano como, por exemplo: *agressor físico, abusador sexual, defensor, ser sexual, jogador de futebol, lutador, diabo, deus, anjo, cantor, construtor, lixeiro, policial, assaltante, traficante, caçador de tesouro*, etc; são papéis coletivos que provavelmente, em grande parte, são papéis em sua forma sociopsicodramática. Ou seja, não são papéis que já tivessem encontrado realização em contexto social – à exceção do papel de *agressor físico*. Em outras palavras não são papéis sociais. O papel de *agressor sexual*

apresentado pelos meninos, podemos afirmar que é, quase com certeza, um papel sociopsicodramático e não um papel social, mas que precisava encontrar uma maneira – através dos Jogos e do Role Playing no Sociopsicodrama – de ser trabalhado para ser reformulado, resignificado para que no futuro não encontre realização em contexto social, por exemplo.

Visto isso, parece que é hora de irmos em frente até a segunda seção deste capítulo: A Grande Função do Sociodrama. Nesta seção a seguir, esclareço um pouco mais o conceito do sociopsicodrama e de como esse entendimento sobre o conceito de papel foi usado e, mais adiante, como os Jogos foram a ferramenta que uniu esses dois conceitos na realização prática do trabalho com os meninos.

1.2. A GRANDE FUNÇÃO DO SOCIODRAMA

Moreno no seu livro “Psicodrama” a partir da página 412 narra como foi o surgimento do sociodrama. Ele conta que numa determinada seção de psicodrama, duas famílias (Família A, Família B), ao protagonizarem uma cena, trouxeram o seguinte conteúdo que dizia respeito à queda de um muro: um motivo privado aparente, mas que apresentava um conflito de ordem coletiva e comunitária que estava por detrás da aparente razão. Na primeira cena acontecia uma briga entre dois meninos, um filho da Vizinha A e um filho da Vizinha B. Na segunda cena uma discussão entre a vizinha A e a vizinha B. Na terceira cena uma terceira vizinha informa que um muro foi derrubado e as duas vizinhas A e B foram até o local (quarta cena) e começaram a acursar-se mutuamente pela derrubada do muro. Logo em seguida um policial aparece e informa que havia existido uma tempestade na noite anterior e que haviam caído algumas árvores, uma das quais havia derrubado o muro. Os conflitos entre A e B não se resolveram com a dramatização dessas questões. Na quinta cena, então, causas mais profundas se apresentaram, pois o vizinho A de ascendência italiana era membro de um sindicato; enquanto que o vizinho B de ascendência polonesa acreditava que aquele tal sindicato, ao qual o vizinho A pertencia, estava atrasando o progresso do país.

Temos aqui então um conflito entre moradores de uma mesma comunidade – de um mesmo bairro – que apresentavam uma querela onde, aparentemente, tínhamos um conteúdo de ordem privada. Porém no desenvolver das cenas ficou evidente para Moreno que o real motivo da alteração entre as duas famílias se baseava em uma questão comunitária. Pois nessa comunidade viviam pessoas de inúmeras

nacionalidades e que por questões de ordem política estavam encontrando a possibilidade de “resolver” essas disparidades – ou melhor, de dar vazão para as energias emocionais não trabalhadas – usando como instrumento um motivo banal qualquer como a queda de um muro. Isso nos demonstra, então, nos dá uma pista, uma direção, de como nasceu o nível do sociodrama e de como o sociodrama se propõe trabalhar. Pois segundo Moreno (1978, p.413):

O verdadeiro sujeito do grupo de um sociodrama é o grupo. O sociodrama baseia-se no pressuposto tácito de que o grupo formado pelo público já está organizado pelos papéis sociais culturais de que, em certo grau, todos os portadores da cultura compartilham. [...] É o grupo, como um todo, que tem de ser colocado no palco para resolver os seus problemas, porque o grupo, no sociodrama, corresponde ao indivíduo no psicodrama. Mas como o grupo é apenas uma metáfora não existe *per se*, o seu conteúdo real são as pessoas inter-relacionadas que o compõem, não como indivíduos privados, mas como representantes da mesma cultura. O sociodrama, portanto, para tornar-se eficaz, deve ensaiar a difícil tarefa de desenvolver métodos de ação profunda, em que os instrumentos operacionais sejam tipos representativos de uma dada cultura e não indivíduos privados. Está interessado no típico papel de pai alemão, num sentido generalizado, não num sentido particular, um pai individual cujo nome seja, por acaso, Muller, um alemão que vive na Alemanha. Está interessado no papel do cavalheiro – tal como é considerado um papel ideal, o de *gentleman*, nos países de língua inglesa – e não *um* cavaleiro, um indivíduo particular que age como tal.

E esse entendimento que aparece na citação de Moreno – essa abordagem – é de grande importância para este presente trabalho, pois o desenvolvimento e os encontros grupais realizados foram feitos, conduzidos e lidos por essa ótica. Pois as configurações que se apresentavam tinham os requisitos para que se pudesse realizar um trabalho dentro dessa abordagem, onde tínhamos o seguinte cenário: uma comunidade de baixa renda da cidade de Porto Alegre, que apresenta poucas condições de saúde básica, eventos que se relacionam com tráfico de drogas e diversos tipos de violência.

Sendo assim, os membros do nosso grupo ao longo dos nossos encontros, trouxeram praticamente todas essas temáticas citadas no parágrafo anterior, o que nos dá um indício de que eles estavam ali, enquanto membros de um grupo de sociopsicodrama, como representantes daquela comunidade, daquele bairro. É possível, sim, que muitos desses conteúdos – tais como o tráfico de droga e os tipos de violência – tenham permeado a própria vida privada de cada uma deles ou talvez alguns deles. Mas de qualquer forma, não foi o papel deste sociopsicodramatista investigar isso. O papel que busquei realizar foi de entendê-los como representantes daquela comunidade, daquele bairro. Onde, juntos, buscávamos criar um espaço propício e seguro (contexto sociopsicodramático) para podermos trabalhar as questões que a vida nos impõem, sejam elas totalmente parte de nossa vida privada, ou sejam elas parte de nosso meio, de nossa comunidade. Ou seja, o sujeito do nosso grupo, como disse Moreno (1978, p.413), era o próprio grupo, e o seu “conteúdo real são as pessoas inter-relacionadas que o compõem, não como indivíduos privados, mas como representantes da mesma cultura.”.

Ao longo do grupo tivemos sessões com jogos que traziam cenas onde as temáticas estavam bem relacionadas com o conteúdo que tínhamos conhecimento de alguns eventos daquela comunidade, daquele bairro específico da cidade de Porto Alegre, tais como: violência, violência sexual, sexualidade precoce, assaltos e tráfico de drogas. Outras temáticas, em momentos específicos do grupo, também apareceram, tais como: a espiritualidade, a cidadania e a noção de grupo que nos davam indícios de potencialidades para saúde. Embora temáticas de cunho mais privado tenham surgido, vejo que o foco do trabalho priorizou não desenvolvê-las. O trabalho realizado no SASE buscou desenvolver as temáticas que surgiam em contexto sociopsicodramático que refletissem a própria cultura daquela comunidade. Pois:

A abordagem de grupo no psicodrama refere-se a problemas ‘privados’ por maior que seja o número de indivíduos que possam constituir o público. Mas logo que os indivíduos são tratados como representantes coletivos de papéis da comunidade e de relações de papéis, não levando em conta os seus papéis privados e suas relações de papéis privados, o psicodrama converte-se num sociopsicodrama ou, mais brevemente, num sociodrama. Este último abriu novos

caminhos à análise e tratamento de problemas sociais. (MORENO, 1978 p.383)

Então, ao invés de usar o foco psicodramático e lidar com as “relações interpessoais e ideologias particulares” (MORENO, 1978, p.411), o trabalho realizado no SASE usou o foco sociopsicodramático buscando lidar com as “relações intergrupais e as ideologias coletivas” (MORENO, 1978, p.411). Pois segundo Moreno (1978, p.424) em um sociodrama um negro, por exemplo, não é um negro somente, mas está representando todos os negros. Uma pessoa de um partido político, por exemplo, representa todas as pessoas daquele partido, etc.

Pensando assim, alguns papéis – tanto em nível de realidade como em nível de fantasia ou simbólico dentro do contexto sociopsicodramático – que foram trazidos pelos meninos, tais como: *agressor físico, abusador sexual, defensor, ser sexual, jogador de futebol, lutador, diabo, deus, anjo, cantor, construtor, lixeiro, policial, assaltante, traficante, caçador de tesouro*, etc; podem, em grande parte, estar associados não só à vida privada e ao mundo interno de cada um, mas ser também, uma representação daquela cultura na qual estão inseridos. Muitos desses papéis, por mais que posam já fazer parte de seus universos privados e papéis psicodramáticos, ali foram trabalhados no nível coletivo e social por serem, em grande parte, papéis de grande força naquela comunidade. Pois segundo Moreno (1978, p.411) “Os papéis que representam ideias e experiências coletivas denominam-se papéis sociodramáticos; os que representam ideia e experiências individuais chamam-se papéis psicodramáticos.”.

Então no momento em que uma comunidade apresenta algumas temáticas e alguns comportamentos que são presentes em seu dia a dia – e que nem sempre estão associados à saúde –, tratar dessas temáticas em um nível coletivo, talvez seja, num primeiro momento, mais produtivo do que uma abordagem direta em um mergulho vertical psicodramático. Pois o “sociodrama está introduzindo uma nova abordagem dos problemas antropológicos e culturais, métodos de ação profunda e de verificação experimental” (MORENO, 1978, p.413)

Para a realização desses encontros sociopsicodramáticos, usamos, então, basicamente as seguintes ferramentas:

Jogos que apresentavam cenas que eram formadas a partir do próprio conteúdo que o grupo trazia a partir das inter-relações que ocorriam no grupo de acordo com a

sociometria do mesmo. Esses jogos realizaram-se dentro do **contexto sociopsicodramático** usando o **desempenho de papéis (role playing)**, que buscava encontrar os momentos em que o processo de **criatividade-espontaneidade** e de **catarse** pudessem ser realizados, funcionando assim como **instrumentos de saúde/educação** dos papéis identificados com os jogos e com o sociodrama nas atividades de role-playing. Pois tais instrumentos de saúde/educação proporcionam um desempenho de papéis sociopsicodramáticos mais saudável e, conseqüentemente, um desempenho de papéis sociais mais saudável também. Tentando evitar assim que os temas de que envolvessem violência não sejam desempenhados como **papéis sociais em contexto social**.

1.3. JOGOS

Os jogos constituem ponto central e importante para o desenvolvimento deste trabalho. Foram com os jogos que o trabalho sociopsicodramático foi desenvolvido no SASE. Aqui, nesta seção, reviso o conceito de jogos com o qual trabalhei e faço uma breve relação de como isso aconteceu nos encontros com os meninos para, mais adiante, escrever mais sobre esse tema na seção intitulada *Processamento*. Os principais autores que serviram para embasar o conceito de jogo usado aqui foram: Moreno, Huizinga e Motta.

De acordo com Moreno os jogos constituem ponto central da origem e surgimento do psicodrama, e constituem, também, uma parte de grande importância da formação do ser humano:

Historicamente o psicodrama se origina dos princípios do jogo. A brincadeira sempre existiu, é mais velha que a humanidade, acompanhou a vida do organismo vivo como uma manifestação de exuberância, nível precursor de seu crescimento e desenvolvimento. Em nossa cultura foram principalmente Rousseau, Pestalozzi e Föebel que chamaram nossa atenção para o valor educacional da brincadeira. Mas uma nova visão do jogo surgiu, quando começamos a brincar com crianças nas ruas e nos jardins de Viena, nos anos que precederam a explosão da Primeira Guerra Mundial: o brinquedo como um princípio de autotratamento e terapia de grupo como forma de vivência original. Assim, o jogo não é mais visto como um

epifenômeno, acompanhando e apoiando metas biológicas, mas como um fenômeno *sui generis*, um fator positivo ligado à espontaneidade e criatividade. O jogo foi por nós, progressivamente, libertado de suas ligações metafísicas, metabiológicas e metapsicológicas e transformado em um princípio metódico e sistemático. Como tal, a ideia de jogo conduziu a uma unidade nova e totalmente abrangente. Essa ideia nos levou ao ‘teatro de improvisação’ e mais tarde ao teatro terapêutico, que atingiu seu ponto mais alto, em nossos dias, na inversão de papéis, no psicodrama e no sociodrama. (MORENO, 1999, p.102)

Para Moreno o jogo, a partir da experiência em Viena, se tornou um *princípio de autotratamento e de terapia de grupo*, com um *fator positivo ligado à espontaneidade e a criatividade* que foi o princípio do teatro de improvisação, depois do teatro terapêutico, e mais adiante do psicodrama e do sociodrama. A partir desse trecho é possível ver que o trabalho realizado com os meninos do SASE passou por todas essas etapas, onde começamos com o jogo que se transformou em um teatro de improviso; este se transformou em um teatro terapêutico que se transformou, mais adiante, em um sociodrama realizado a partir de jogos.

Motta, ao fazer uma referência aos conceitos de jogos lembrados por Huizinga, também esclarece algumas funções pontuais dos mesmos:

Quando no início de seu livro *Homo Ludens*, Huizinga esclarece algumas definições e funções do jogo de acordo com alguns pontos de vista da psicologia e da fisiologia, podemos observar uma gama rica de possíveis funções do jogo, tais como: descarga de energia abundante, satisfação do instinto de imitação, ‘necessidade’ de distensão, preparação do jovem para futuras tarefas sérias, autocontrole do indivíduo, impulso para exercer certa faculdade, desejo de dominar e competir. E uma forma de ‘ab-reação’, um escape para impulsos prejudiciais, um restaurador da energia dispendida por uma atividade unilateral, ou ‘realização do desejo’, ou uma ficção destinada a preservar o sentimento do valor pessoal. (MOTTA, 2002 p. 4)

Essas funções descritas na citação de Motta parecem nomear e enumerar o trecho da citação de Moreno (1999, p.102) quando este se refere ao jogo como “o princípio de autotratamento e da terapia em grupo”. Pois uma atividade que tenha a possibilidade de produzir: “descarga de energia abundante, satisfação do instinto de imitação, realização da ‘necessidade’ de distensão, preparação do jovem para futuras tarefas sérias, autocontrole do indivíduo, impulso para exercer certa faculdade, desejo de dominar e competir” (MOTTA, 2002, p.4); e ainda ser “um escape para impulsos prejudiciais, um restaurador da energia dispendida por uma atividade unilateral, ou ‘realização do desejo’, ou uma ficção destinada a preservar o sentimento do valor pessoal” (Idem), certamente é uma atividade que possui grande potencial terapêutico e grande potencial para promover a saúde/educação.

Além de o jogo ser uma forte ferramenta de autotratamento, uma forma de terapia de grupo e de possuir algumas funções como as descritas acima, o trabalho desenvolvido com os meninos do SASE, focou ver os jogos: **a)** como uma ferramenta capaz de trazer aos olhos os *papéis sociopsicodramáticos* dos meninos e **b)** como uma ferramenta que pudesse desenvolver os processos de *criatividade-espontaneidade* e de *catarse* para que os papéis identificados não relacionados à saúde/educação fossem lapidados de maneira que pudessem ser papéis mais saudáveis.

Então ao longo do ano os jogos foram usados como uma ferramenta que fosse capaz de trazer os papéis da subjetividade coletiva dos meninos, pois segundo Motta esse é um dos traços principais do jogo:

O que, ao meu ver, especifica uma dramatização e um jogo dramático é que: na dramatização os personagens são criação da subjetividade histórica do ator e no jogo dramático os personagens são criação da subjetividade coletiva no ator. (MOTTA, 2002, p.97)

Através dos jogos que desenvolvemos ao longo do ano, fizemos inúmeras cenas nas quais usamos a técnica do role playing que nos permitiu ver os papéis que eram trazidos pelos meninos – tais como: *agressor, abusador sexual, defensor, ser sexual, jogador de futebol, lutador, diabo, deus, anjo, cantor, construtor, lixeiro, policial, assaltante, traficante, caçador de tesouro*, etc. – e trabalhar com eles. Pois o “role playing é personificar outras formas de existência por meio do jogo. É uma forma especializada de jogo (...)” (MOTTA, 2002, p.22). E através do lúdico, podíamos

realizar esses papéis ao mesmo tempo em que buscávamos respostas novas para aqueles papéis e situações em que eles ocorriam, pois “o lúdico é uma maneira saudável de, usando a imaginação, manter em ação a espontaneidade-criatividade” (MOTTA, 2002, p.15). E, pela teoria moreniana, se mantivermos a espontaneidade-criatividade ativas em nós, a nossa propensão à saúde/educação global é mais alta.

Pois no jogo podemos criar a *Realidade Suplementar* que é um ambiente que proporciona o ‘*Como se*’ e “o poder entrar no ‘**como se**’ de uma dramatização [ou jogo], na **realidade suplementar do espaço lúdico** é experimentar a vida em suas múltiplas facetas.” (MOTTA, 2002, p. 26). E estar no *Como se* e na *Realidade Suplementar* é possibilitar abrir espaço para que a *Unidade Criativa* se apresente. Pois para Motta o jogo “é ação da realidade suplementar, onde a unidade criativa pode estar presente.” (MOTTA, 2002, p. 38).

E a *Unidade Criativa* é um “conjunto formado pelo **aprendido**, pela **cultura** e pela **espontaneidade criadora**” (MOTTA, 2002, p.28). E quando a espontaneidade criadora está presente na *Realidade Suplementar* e no *Como se* ela reage – como um catalisador agindo em uma substância – e gera novas respostas. E assim através dos jogos que proporcionam esse momento de novas respostas, a criança encontra uma maneira nova de entender um determinado papel, de desempenhar um determinado papel assimilando e transformando o mundo que elas já conheciam. Pois segundo Camila Gonçalves, citada por Motta, é “através de jogos, brincadeiras e histórias, espontaneamente criados, que as crianças procuram lidar com o mundo que proporcionamos a elas. Tentam assimilá-lo, entendê-lo e transformá-lo.” (MOTTA, 2002, p.53).

E como bem lembrado por Motta (2002, p.33) “existe para a Unidade Criativa o momento ótimo para a atualização” que é justamente o ambiente do jogo que propicia que a espontaneidade cresça e floresça naqueles que estão dentro do contexto sociopsicodramático compartilhando dessa sinergia.

E para falar mais então sobre como funciona esse processo criatividade-espontaneidade e como a Unidade Criativa se apresenta para reformular os padrões de desempenho de um determinado papel, passemos para a próxima seção: Espontaneidade-Criatividade.

1.4. ESPONTANEIDADE-CRIATIVIDADE

Nesta seção, a partir dos escritos sobre criatividade e espontaneidade que li dos autores Moreno e Motta, apresentarei o meu entendimento de como esses conceitos se realizam na prática, a partir dos insumos teóricos dos referidos autores.

Dito isso começamos pelo início. E o início é:

- 1) entender a relação entre criatividade e espontaneidade;
- 2) entender que o processo de criação se dá pela Unidade Criativa;
- 3) entender que a Unidade Criativa precisa de um estado ótimo para acontecer.

- 1) Entender a relação entre criatividade e espontaneidade.

Criatividade, como diz Moreno, é substância, e Espontaneidade é catalisador.

(...) A espontaneidade e a criatividade são assim, categorias de ordem diferente; a criatividade pertence à categoria de substância – é a arqui-substância – enquanto a espontaneidade pertence à categoria dos catalisadores – é o arqui-catalisador. (MORENO, 1992, v. I, p.147)

Usando uma metáfora que remete ao universo da química, Moreno exemplifica de maneira interessante como que esses elementos de *categorias de ordem diferente* atuam entre si. Ele nos explica que a *Criatividade* é como se fosse uma substância que para reagir quimicamente precisasse de um *starter*, de um iniciador químico, de um catalisador. Esse catalisador, esse iniciador da reação química é, então, de acordo com Moreno, a *Espontaneidade*. “A espontaneidade pode ser concebida como *arquicatalisador*, em termos metafóricos possui função procriativa. A criatividade pode ser concebida como *arqui-substância*; em termos metafóricos possui função materna.” (MORENO, 1992, v.3, p.217)

A partir dessa *função materna*, citada por Moreno, penso que a *Criatividade* poderia ser dividida em: a *Criatividade Potencial* (arquisubstância) e a *Criatividade Realizada* como um resultado final de um processo de criação (a substância final após o período da ‘reação química’).

2) Entender que o Processo de Criação se dá pela Unidade Criativa.

Em outras palavras, entendo que a criatividade poderia ser a própria *Unidade Criativa* que só funciona quando o fator E (catalisador) entra em ação para reagir *Criatividade Potencial* em *Criatividade Realizada*. E para que a *Espontaneidade* entre nessa reação ela precisa de um estado ótimo.

3) Que a Unidade Criativa precisa de um Estado Ótimo para acontecer.

Entendo que o processo de criação se dá a pela *Unidade Criativa* que é um “conjunto formado pelo **aprendido**, pela **cultura** e pela **espontaneidade criadora**” (MOTTA, 2002, p.28). E que para essa *Unidade Criativa* “existe o momento ótimo para a atualização” (MOTTA, 2002, p.33) que é justamente o ambiente em que o fator E pode se apresentar e fazer o início da ‘reação química’ que une: o **aprendido**, a **cultura**, a **criatividade potencial** e a **espontaneidade**, gerando assim um resultado final que é uma resposta nova e adequada “à uma nova situação ou para uma situação já conhecida.” (MORENO, 1992, v. I, p.149). A própria raiz da palavra Espontaneidade “latim – *sua sponte* = do interior para o exterior” (MORENO, 1999, p.51) nos dá uma boa imagem de como ela funciona: algo que vem do interior para o exterior. Uma resposta adequada a um determinado contexto é então um produto final que foi possível devido à manifestação da *Espontaneidade* agindo dentro da *Unidade Criativa* que gerou um resultado final adequado. É como se a *Espontaneidade* fosse o veículo que traz a *Criatividade* da área potencial para a área da realização.

A importância da *Criatividade* e da *Espontaneidade* é central, pois são elas que proporcionam a atualização das respostas de um papel. E como nos encontros com os meninos realizamos o sociodrama através de jogos e role playing, poder contar com os elementos *Criatividade* e *Espontaneidade* é de suma importância, pois é a partir da ação desses elementos que os papéis trazidos pelos meninos encontravam a possibilidade de se reatualizar, de se reestruturar e de se desenvolverem. Pois à medida que os meninos podiam experimentar-se nos papéis que desempenhavam, tinham a chance de ampliar suas gamas de respostas de dentro de um determinado papel. E esse processo quando acontece é possível devido à *Criatividade* e à *Espontaneidade*.

Outro elemento de suma importância para o processo de se encontrar novas respostas dentro de um papel é o processo de *Catarse* que será descrito na seção seguinte.

1.5. CATARSE

A catarse é ponto de grande importância também na teoria de Moreno. E aqui neste trabalho ela entra nesta última seção antes do processamento, pois é o fecho que integra os conceitos revisados até aqui neste trabalho e inteira o processo de instrumentos de saúde da metodologia do sociopsicodrama. Antes de tudo, é importante lembrarmos que catarse e espontaneidade estão extremamente ligadas e que como falou Moreno “o princípio comum produtor de catarse é a espontaneidade.” (MORENO, 1978, p. 20).

Além de esses dois conceitos estarem extremamente ligados, eles funcionam, a meu ver, de forma complementar, pois a catarse, produzida pela espontaneidade, promove a libertação das partes “doentes” de um papel. E após essa libertação, uma nova ação da espontaneidade gera, então, a possibilidade de se encontrar novas respostas mais saudáveis para aquele determinado papel. É como se a espontaneidade produzisse um processo catártico que liberasse as partes não saudáveis de um papel, ao mesmo tempo – ou logo em seguida – que produzisse respostas novas e mais saudáveis para os espaços vazios que aquele papel produziu ao passar pelo processo de catarse. Moreno sabia da importância desse processo de catarse e nos escreve ao explicar a finalidade e o “para que” dos cinco instrumentos básicos do psicodrama:

Agora que descrevemos os cinco instrumentos básicos requeridos para conduzir uma sessão psicodramática, podemos formular a seguinte pergunta: Para que efeito? Limitar-nos-emos aqui à descrição de um único fenômeno: a catarse mental (proveniente do grego, com o significado de purga, purificação) (MORENO, 1978, pp.19-20)

Entendo aqui o quão importante é a noção, conceito e aplicação terapêutica da palavra catarse. A catarse é realmente um instrumento de saúde/educação. Pois ela libera e liberta sentimentos, emoções e energia que estavam em nós que precisavam dar vazão, precisavam sair devido ao seu teor desconfortável. Do grego κάθαρση significa

purificação ou purificação das paixões egoístas. Então a cada gesto, a cada movimento, a cada palavra que experimento no meu dia, é possível que eu esteja me encontrando com um pequeno ato de catarse, com um pequeno ato de liberação de algum sentimento ou pensamento egoísta. Pois se, por exemplo, tenho vergonha de falar em público, no momento em que me disponho a falar, permitindo minha espontaneidade aflorar, estou dando a chance para mim mesmo de produzir em mim, a partir da espontaneidade, um processo de catarse, pois estarei me livrando, por exemplo, de uma paixão egoísta de não querer ser olhado, analisado ou jugado pelos outros. No momento em que entro em um jogo, em uma cena e me permito esse movimento já estou provavelmente num processo catártico, pois estou me libertando de conservas que não me servem mais e possibilitando que eu experimente o novo, que eu encontre respostas novas que só descobrirei na interação com o meu próximo e no aqui e agora. Esse processo pode ser entendido como a Espontaneidade funcionando como princípio comum produtor de catarse e como chave para atos espontâneos produtores de novas respostas e, por consequência, produtor de saúde/educação. Pois Moreno afirma que “o princípio comum produtor de catarse é a espontaneidade.” (MORENO, 1978, p. 20).

Quando falamos catarse é sujeito a logo pensarmos em grandes rios de choro, gritos e um tanto de coisas espalhafatosas. E isso é também verdade. Mas catarse não é só isso. Catarse é algo simples também. É cada micro experiência em que uma pessoa se liberta de alguma parte de paixão egoísta que ainda tem. E isso pode se dar através de uma simples palavra que se recebe ou que se dirige a alguém no cotidiano ou em contexto sociopsicodramático.

Então embora para a teoria de Moreno existam dois tipos de catarse: a Catarse de Ab-reção e a Catarse de Integração. E que a primeira seria como apenas uma liberação de energia, um processo de purga que não necessariamente promovesse uma ressignificação ou reestruturação total do indivíduo. E que a segunda (catarse de integração) seria aquela catarse almejada pelo psicodramatista onde o indivíduo colocaria seu mundo externo para fora, liberasse as energias e “paixões egoístas” e após esse período resignificasse os elementos necessários para recolocá-los novamente para seu mundo interno de maneira atualizada e mais saudável. Aqui neste trabalho entendo o conceito como algo talvez bem mais simples. Entendo aqui neste trabalho a catarse como um dos produtos da espontaneidade, como um processo que libera as partes não saudáveis de um papel ao mesmo tempo em que, também, através da espontaneidade,

produz respostas novas e mais saudáveis para os espaços vazios que aquele papel produziu ao passar pelo processo de catarse.

Com os meninos isso se tornou claro com alguns papéis específicos como o de *abusador sexual*, por exemplo. Num primeiro momento, parecia que precisavam dar vazão àquele papel de *abusador* que, a meu ver, estava dentro de um papel maior de *ser sexual*. Então, através de um movimento de espontaneidade é como se os meninos pudessem liberar e se desprender daquelas partes ‘doentes’ do papel de *ser sexual* que consistia em um papel de *abusador*, e se libertando da parte ‘doente’ do papel de *ser sexual (abusador)*, através de outros jogos e cenas que propiciaram um estado de espontaneidade conseguiram então encontrar respostas mais saudáveis para esse papel de *ser sexual* conseguindo até estabelecer uma relação de carinho com uma namorada no contexto sociopsicodramático do ‘como se’. E esse processo, citado no exemplo acima, talvez seja a realização do que disse Moreno ao afirmar que “o psicodrama trouxe novamente à consciência o entendimento e a aplicação da catarse como ferramenta usada pelo cientista social dos nossos tempos” (MORENO, 1978, p. 409).

E se a ação da catarse em papéis privados psicodramáticos consiste em uma catarse pessoal, a ação da catarse em papéis coletivos sociopsicodramáticos consiste em uma catarse coletiva social.

A abordagem psicodramática lida com problemas pessoais, principalmente, e visa à catarse pessoal. No procedimento psicodramático, um sujeito – quer seja cristão, comunista, negro, judeu, japonês ou nazista – e tratado como uma pessoa específica, com seu mundo privado. A sua situação coletiva só é considerada na medida em que afete sua situação pessoal. Portanto, ele *próprio* tem de ser o protagonista no procedimento terapêutico. Por outro lado, no procedimento sociodramático, o sujeito não é uma pessoa, mas um grupo. Por conseguinte, não se considera um negro individual, mas todos os negros, todos os cristãos e todos os judeus. (...) O protagonista no palco não está retratando uma *dramatis personae*, o fruto criador da mente de um dramaturgo *individual*, mas uma experiência coletiva. (MORENO, 1978, pp. 424-425)

E os papéis trabalhados com os meninos eram papéis coletivos e sociopsicodramáticos: a espontaneidade gerando processos de catarse coletivo em papéis coletivos para a espontaneidade gerar respostas novas e mais saudáveis dos papéis necessitados.

CAPÍTULO II

2. O PROCESSAMENTO

O processamento se dará em dois momentos. No primeiro momento realizarei um relato macroestrutural do grupo realizando os links com a revisão teórica já apresentada. E no segundo momento realizarei uma conclusão do trabalho resgatando os objetivos gerais e específicos para verificação.

2.1. RELATO MACROESTRUTURAL DO GRUPO

O grupo onde se desenvolveu este trabalho foi formado por, inicialmente, oito meninos (que ao longo do ano se tornou um grupo de seis meninos) que frequentavam o Serviço de Atendimento Sócio Educativo (SASE) de um bairro de baixa renda da cidade de Porto Alegre. Os encontros aconteceram de um período de março–novembro do ano de 2013 com a regularidade de um encontro semanal com uma hora e meia de duração.

Somando todos os encontros que tivemos, incluindo a escolha sociométrica, tivemos trinta e cinco encontros, que foram compostos por unidade funcional (Diretor mais no mínimo um ego-auxiliar, à exceção de dois encontros ao final do ano que contou somente com um diretor) e grupo (com quórum máximo de nove meninos e mínimo de três).

Ao longo do grupo tivemos algumas temáticas protagônicas que possibilitavam a criação de jogos com cenas nas quais os meninos desempenhavam papéis. Houve, macroestruturalmente, uma divisão temática de cinco blocos que se desenvolveram ao longo do ano.

No quadro abaixo é demonstrado uma visualização macroestrutural dos cinco blocos em uma tabela que inclui os principais temas, jogos e papéis desses trinta e cinco encontros.

	Temática	Jogos	Principais Papéis
1º Bloco	Violência Física	Ringue Batalha de Bolinhas Construir Casas Cachorro e Dono Monstro	Lutador, Juiz Guerreiro Construtor Cachorro, Adestrador Caçador
2º Bloco	Sexualidade	Estupro da Pantera Julgamento do Caso Pantera Agressão Física Aulas de Sexo	Abusador Sexual Réus, Juiz, Policiais, Agressor Físico, Salvador, Ser Sexual
3º Bloco	Roubo Cidadania Espiritualidade	Polícia e Ladrão Prefeito da Cidade Deus, Anjo e Humanos	Policial, Ladrão, Prefeito, Morador, Lixeiro, Zumbis, Deus, Anjo e Humanos
4º Bloco	Relações Grupais	Jogos Contexto Grupal	Membro de um Grupo
5º Bloco	Revisão e Fechamento	Cantores Forasteiro Estátua Travestis Assalto à Biblioteca	Cantores, Plateia, Forasteiro, Nativos, Caçador, Estátuas, Travestis, Ladrões e Policiais

2.1.1. PRIMEIRO BLOCO

No primeiro bloco, que perdurou da escolha sociométrica até o décimo segundo encontro, a temática central foi a questão da violência física. Nesses primeiros doze encontros, a necessidade de expressão da raiva e do contato agressivo ao corpo do outro era o principal tema que foi identificado nos encontros. Nesses primeiros doze encontros, todas as vezes que uma atitude de violência estava prestes a ser feita, por exemplo, quando um menino ameaçava outro ou começava a persegui-lo para nele bater – o que demonstrava uma atitude de contexto grupal e, às vezes, até social –, procurávamos sempre trazê-los para um contexto sociopsicodramático, onde eles então pudessem entrar em contato com aqueles sentimentos e expressá-los, mas de uma forma modulada. Para fazer essa modulação a unidade funcional se valeu de inúmeros jogos

que, em grande parte, eram criados na hora para conseguirmos realizar o nosso objetivo. Nesse primeiro bloco um jogo que funcionou bem nos primeiros cinco encontros foi o ‘Ringue’. O ‘Ringue’ consistia em demarcarmos uma área de luta – tapete – em que, ali dentro, pudessem entrar somente dois lutadores de cada vez. A luta era acompanhada por um dos meninos que entrava no papel de juiz e antes de começar a luta se definiam as regras.

A partir do quinto encontro, outro jogo que surgiu, e que foi também de grande importância para se conseguir estabelecer um contexto sociopsicodramático, foi a Batalha de Bolinhas. O SASE ganhou dois sacos de bolinhas plásticas (aquelas que se usam em piscinas de bolinhas), que foram usadas nos nossos encontros. Inicialmente quando trouxemos as bolinhas, estabeleceram-se as regras do jogo e fizemos algumas batalhas em que todos lutavam contra todos. Com o tempo esse jogo Batalha de Bolinhas Todos Contra Todos, evoluiu para uma para uma Batalha de Bolinhas em que tínhamos dois, às vezes três, grupos dentro de suas Fortalezas que combatiam entre si.

A partir do quinto encontro também surgiu o jogo de Construir uma Casa que teve uma força maior nesse primeiro bloco, mas que ao longo do ano também esteve presente. Junto com o jogo da casa veio também o jogo dos Cachorros-Donos, que ora estava relacionada com o jogo da Casa e ora como jogo autônomo.

Um ponto importante que surgiu neste primeiro bloco foi o jogo do Monstro. O jogo do Monstro aconteceu na metade final do sexto encontro e desenhava um contexto sociopsicodramático bem definido onde os meninos conseguiram se unir em um grupo para derrotar o Monstro que estava sendo desempenhado pelo ego-auxiliar. Foi o primeiro momento em que os meninos se uniram como um grupo com um propósito comum de realizar o mesmo objetivo. Outro ganho que esse jogo trouxe foi um direcionamento, que se constatou nos encontros seguintes, para a criação de personagens, para a realização de um jogo fazendo-se o uso de personagens. Isso possibilitou que criássemos jogos cada vez mais dentro do contexto sociopsicodramático.

2.1.2. SEGUNDO BLOCO

Este segundo bloco teve uma duração de sete encontros. A temática protagônica que emergiu nesse período foi a Sexualidade, a qual apresentou a seguinte evolução: inicialmente a temática da Sexualidade apareceu vinculada com a temática da

Violência, gradualmente, a temática da Sexualidade apareceu com menos traços de violência. O trabalho da Unidade Funcional aconteceu no sentido de procurar tratar o tema da Sexualidade como uma necessidade natural e saudável do ser humano, tentando instrumentalizar os meninos a lidarem com o tema de uma maneira cada vez mais saudável.

Nos dois primeiros encontros tivemos os jogos com as fortes e emblemáticas cenas do “Estupro da Pantera”. Tínhamos disponível na sala dos encontros um boneco de pelúcia rosa com mais ou menos 1 metro e 70 centímetros de altura com as formas do personagem Pantera Cor de Rosa. No primeiro dia em que essa cena surgiu, isso se deu bem ao final do encontro. Esse fato nos deu pouco tempo para poder desenvolvê-la e trabalhá-la melhor, tanto pela questão do tempo, quanto pela possível falta de resposta que a Unidade Funcional tinha no momento. No segundo encontro, a cena já foi trazida logo no início o que nos permitiu dar um desenvolvimento melhor para a cena que se formava e se desenvolvia em contexto sociopsicodramático. Nesse segundo encontro, conseguimos já incluir duas ferramentas muito importantes. Uma, foi a voz da pantera, que foi desempenhada pelo ego-auxiliar, e a outra, foram outros personagens que estavam associados àquela cena, tais como: o pai da Pantera, Policiais e mais adiante o Rei e seus Policiais. Outro ponto importante desse segundo encontro foi que em um determinado momento, em uma cena secundária e paralela, surgiu outro personagem central que foi ganhar força e se desenvolver somente no último encontro desse bloco: a Namorada. Esse personagem, como relatado logo mais adiante, foi central para uma interessante evolução dessa temática da Sexualidade.

No terceiro encontro aconteceu, então, o jogo do Julgamento do Caso Pantera. Antes de começarmos o grupo tiramos a Pantera da sala. Logo que os meninos entraram na sala já perguntaram por ela. Porém a Unidade Funcional, como acordado antes do encontro do grupo, trouxe o feedback de que a Pantera estava no Hospital, pois havia sofrido um atentado de estupro e que, então, a polícia estava procurando aqueles que haviam cometido o crime para prendê-los e para descobrir quem era o pai o jogo de Perseguição e Identificação dos suspeitos e logo em seguida o jogo do Julgamento com os papéis de Juiz, Acusados e Policiais. Ao final desse encontro, surgiu a temática da sexualidade por um viés que ainda não havia surgido: os meninos começaram a trazer a temática da sexualidade em contexto grupal (e não sociopsicodramático) em uma brincadeira onde queriam se agarrar uns nos outros.

Parece que, nos próximos dois encontros, começamos a ter uma evolução na temática da Sexualidade. Pois nesses dois encontros que se seguiram os jogos principais foram “Aulas de Sexo”. Uma espécie de “Centro de Treinamento” sociopsicodramático, onde um dos meninos no papel de professor dizia quais eram os passos para se ter uma relação sexual com uma mulher e os outros então iam repetindo os gestos enquanto riam e se divertiam. Embora tivéssemos uma linguagem chula para descrever os passos do processo, aqui nesse momento a sexualidade já aparecia bem menos vinculada à violência, embora ainda houvesse uma relação objetal com a mulher.

Depois disso, tivemos duas semanas de recesso escolar. Após o recesso, tivemos mais dois encontros ainda dentro da temática desse bloco. O primeiro encontro após o recesso teve um momento dentro de jogo que o assunto de agressão à mulher retornou. Porém dessa vez a agressão não era sexual, mas sim física. Um dos meninos entrou no papel de agressor enquanto batia em um saco de pancadas (como se fosse uma mulher), enquanto uma ego-auxiliar (que estava presente nesse dia) dava voz à mulher. A voz que foi dada para a mulher pela ego-auxiliar foi tão convincente que um dos meninos, que estavam no papel de agressor nas cenas anteriores de abuso sexual, entrou no papel de *justiceiro/salvador* e foi afastar o abusador para defender a mulher que pedia socorro.

Então no último encontro desse bloco tivemos mais um jogo de “Aula de Sexo”. Este, porém, apresentou alguns outros avanços na construção da temática da sexualidade. Pois nesse jogo foi desenvolvido juntamente com o papel namorado (meninos), o contra papel namoradas (almofadas). Ou seja, aqui nesse momento o jogo “Aula de Sexo” foi realizado “na prática” juntamente com as namoradas, onde os meninos demonstraram, em alguns momentos, atitudes bem desvinculadas de violência demonstrando inclusive, durante o jogo, alguns gestos de carinho com suas namoradas (almofadas). Outra temática importante que surgiu nesse jogo foi o assunto da camisinha, que foi conversado e esclarecido um pouco mais durante o processo.

2.1.3. TERCEIRO BLOCO

Dentro desse bloco temático tivemos três encontros. O primeiro encontro trouxe a temática do roubo, quando um dos meninos tentou levar um frasco perfumado para fora da sala quando o encontro do grupo daquele dia estava terminando. Então, todos os outros meninos começaram a acusá-lo de ladrão de uma maneira bem direta.

Essa temática então foi retomada no encontro seguinte originando o jogo Polícia e Ladrão (que foi desenvolvida através da técnica *play back* e *play on*, a qual foi naturalmente proposta pelos meninos).

Esse jogo então deu origem para os outros dois jogos seguintes de grande importância deste bloco. Nesse dia, o jogo entre policiais e ladrões gerou algumas mortes de alguns personagens. Os personagens mortos então viraram personagens fantasmas e começaram a perseguir seus assassinos. A partir de certo momento algum dos ladrões, que ainda estava vivo, entrou em um papel novo e trouxe um dos fantasmas de volta a vida. Esse ladrão então se tornou Deus. A partir desse momento, então, entramos no jogo de ser Deus. Um dos meninos desempenhou o papel de Deus, outro menino o papel de Anjo e os outros meninos desempenharam as pessoas da terra que precisavam ser atendidas.

No encontro seguinte, e último deste bloco, houve um desenvolvimento bem parecido. Começamos com um jogo de Conflito entre Policiais, Moradores e Prefeito de uma cidade. Os mortos no conflito se tornaram zumbis. Após esse momento começou-se, por proposição dos meninos, novamente o jogo de Deus, seu Anjo da Guarda e os necessitados da terra que precisavam de auxílio, tais como: pobres que precisavam de dinheiro, enfermos que precisavam de saúde e drogados que precisavam se livrar do vício e também precisavam de saúde.

2.1.4. QUARTO BLOCO

Neste quarto bloco tivemos nove encontros nos quais a temática foram jogos grupais, jogos de contexto grupal. Durante nove encontros a prática de jogos que alternavam, basicamente, entre futebol e corda. Esta etapa teve pontos importantes, pois tivemos uma interação em nível grupal que se apresentou de uma maneira mais integrativa e bem menos violenta se comparada com o início do grupo. Dois dos meninos que eram colocados mais a parte do grupo também foram incluídos nas brincadeiras e jogos. Então, nesta etapa tivemos uma interação grupal com menos violência. Tivemos também mais inclusão de membros que eram colocados mais a margem do grupo, gerando assim uma interação um pouco mais equilibrada no grupo.

2.1.5. QUINTO BLOCO

Este quinto e último bloco temático foi composto por quatro encontros e foi como um apanhado final dos jogos e cenas relevantes que serviu como fechamento para o grupo. No primeiro encontro tivemos um jogo onde várias apresentações dos meninos nos papéis de Cantores aconteceram. Neste jogo um dos meninos, que era quem mais tinha sido alvo de agressões, conseguiu crescer dentro do jogo e se defender dos meninos que geralmente o agrediam. No encontro seguinte tivemos um jogo em que integrantes de uma cidade recebiam um forasteiro que chegava e após um primeiro contato era agredido.

No penúltimo encontro tivemos um jogo bem importante que revisou as cenas de agressão sexual. Porém desta vez, os meninos que haviam agredido a Pantera eram, desta vez, travestis que haviam sido roubados e abusados. Ou seja, parece que tivemos uma inversão de papéis nesse tipo de cena de abuso.

No último encontro deste bloco e do grupo no ao de 2013 aconteceu um jogo de Assalto à Biblioteca o que revisou a questão do roubo e da polícia/ladrão.

2.2. CONCLUSÕES DO PROCESSAMENTO

Então retomando a pergunta inicial deste TCC:

É possível para um sociopsicodramatista usar o sociopsicodrama para identificar os papéis coletivos de uma determinada comunidade para em contexto sociopsicodramático realizar um trabalho com jogos que possibilitem processos de catarse e de criatividade-espontaneidade para desenvolver papéis sociopsicodramáticos mais saudáveis e, conseqüentemente, papéis sociais mais saudáveis também?

É possível responder que sim. É possível. O Sociopsicodrama, os Jogos, a Espontaneidade, a Criatividade, a Catarse são elementos que quando bem combinados e realizados em um contexto sociopsicodramático encontram a possibilidade de desenvolver papéis sociopsicodramáticos mais saudáveis o que resulta em papéis sociais mais saudáveis por consequência.

E retomando os Objetivos Específicos é possível afirmar que:

- a) Verificar o que aconteceu com a temática da violência física.

A violência física ao final do ano, embora tenha aparecido no último encontro como uma marcação de que o trabalho com os meninos ainda precisa de uma continuidade, já se apresentava de uma maneira consideravelmente bem mais reduzida do que no início do ano. Tivemos inclusive um grande número de encontros em que ela não apareceu.

- b) Verificar o que aconteceu com a temática da violência sexual.

A temática da violência sexual também apresentou melhorias na aproximação da saúde/educação. Pois no bloco temático em que ela apareceu, esta foi sendo trabalhada até o ponto de não ser mais trazida pelos meninos. No momento em que isso aconteceu surgiu então a temática da sexualidade.

- c) Verificar como a temática da sexualidade foi trabalhada.

Quando a temática da sexualidade apareceu sem estar associada à violência fiquei bem satisfeito de ver que o processo sociopsicodramático começava a surtir efeito. Pois nesse período em que a temática da sexualidade surgiu ela emergiu sem estar associada à temática da violência e do abuso.

- d) Verificar como as interações dos meninos, em nível grupal, se estabeleceram.

No bloco temático em que os meninos desenvolveram praticamente somente jogos grupais como, por exemplo, futebol e pular corda; tivemos uma reestruturação em nível de interações grupais, onde alguns membros do grupo que, geralmente, eram excluídos pelos demais, começaram a serem incluídos nas brincadeiras e jogos grupais, reforçando assim uma unidade grupal.

- e) Verificar como foi o processo de fechamento dos encontros com o grupo

No bloco que serviu como fechamento do grupo, tivemos uma retomada geral de praticamente todos os temas mais relevantes que surgiram ao longo do ano. Interessante notar que isso surgiu naturalmente e que, em muitos dos jogos, tivemos uma retomada juntamente com uma evolução como, por exemplo, na inversão de papéis no jogo dos travestis. No último encontro do grupo, porém, houve uma situação de leve regressão onde a questão da agressão física se apresentou. Foi um de uma maneira leve, mas que deixou o recado de que o trabalho sociopsicodramático com os meninos do SASE precisa continuar sendo realizado para que realmente possamos num futuro ter resultados sociais relevantes.

CAPÍTULO III

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que o trabalho com os meninos e este TCC são de grande relevância para a minha formação. Considero que aprendi que aprender é um contínuo eterno, vejo que me transformei enquanto pessoa e cresci enquanto ser humano graças aos meninos, aos meus colegas e aos meus mestres e mestras do psicodrama que me clarearam e orientaram meu caminho.

E para finalizar, realizarei aqui nesta seção a leitura que busca então conectar os conceitos apresentados e revisados ao longo deste trabalho, processando-os com o trabalho realizado com o grupo de meninos do SASE ao longo do ano. Apresentarei o fio condutor imaginário que vejo ao escrever este TCC e que representa a lógica e a leitura técnica e teórica desta monografia ao examinar o trabalho que foi realizado com os meninos. A partir dessa apresentação explico textualmente como entendo esse fio condutor conceitual relacionando-o com os encontros realizados com os meninos.

Acredito que o fio condutor que permeou este trabalho aqui escrito é o seguinte:

EU – Papéis – Sociodrama – Jogos – Unidade Criativa + Catarse – Papéis – EU

Bom, como dito no início deste trabalho, vejo como um dos pontos centrais da existência do ser humano é entender o que é, como funciona e para que serve o lugar de EU. Pois todo mundo é EU. Se te pergunto quem TU és, TU me respondes: EU sou EU. E então TU me perguntas: e TU quem és. E EU respondo: EU sou EU. Então todos nós somos EU: para mim EU sou EU. Pra ti EU sou TU. E TU só existe por causa de EU. E EU só existe por causa de TU. É no encontro entre EU e TU que existimos, que nos relacionamos e fazemos parte da existência.

Interessante notar que para a teoria de Moreno esse EU emerge e surge dos PAPÉIS que desempenhamos na vida. Ou seja, os papéis, como diz Moreno (1978, p.210) “não decorrem do eu, mas o eu pode emergir dos papéis”. Então esse EU que é um lugar que ganhei para ser aqui no mundo só se desenvolve, se consolida, se forma a partir de cada papel que eu desempenho na minha vida e ao longo da minha vida. É aqui que os conceitos de EU e de PAPEL se encontram e somam um entendimento que para

mim é de grande importância, pois, como Moreno (1978, p.206) afirma: “o papel pode ser definido como as formas reais e tangíveis que o eu adota”.

Importante lembrar também aqui que os papéis possuem uma série de características como, por exemplo, os tipos de papel (psicossomático, psicodramático e social), as fases de desenvolvimento do papel (role taking, role palying e role creating) e os contextos em que esses papéis se realizam (psicodramático, grupal e social). Relembrado isso, vejo que é justamente neste ponto que o sociopsicodrama se apresenta como um grande instrumento capaz de – em contextos apropriados – fazer uma leitura social dos papéis sociopsicodramáticos, grupais e sociais de uma comunidade, identificá-los e a partir da necessidade de sermos EUS mais saudáveis, criar, com o sociopsicodrama um ambiente em que possamos investigar, explorar, trabalhar e melhorar cada papel sociopsicodramático e social que necessite ser mais lapidado. Pois se lembrarmos que os papéis sociais emergem dos papéis sociopsicodramáticos e psicossomáticos, entendemos que quanto mais saudáveis estiverem nossos papéis sociopsicodramáticos, maior é a nossa chance de termos papéis sociais mais saudáveis e maior é a chance que temos de realizarmos o nosso EU com mais saúde e integridade.

E nesse ponto acredito que os Jogos entram. Pois se o Sociopsicodrama cria esse ambiente possível para realizarmos essa investigação e trabalho social, os jogos são, a meu ver, a ferramenta prática para realizarmos essa tarefa nesse ambiente criado. Os jogos são a aplicação prática que um sociopsicodramatista se vale para poder realizar a tarefa de investigador social, que procura, através do sociodrama, desenvolver papéis mais saudáveis para os EUS que buscam se melhorar.

E se os jogos são a ferramenta que usamos para realizar o sociopsicodrama com o intuito de desenvolver papéis mais saudáveis, os ‘agentes químicos’ que tornam essa reação possível são: a Unidade Criativa e a Catarse.

A Unidade Criativa é uma Unidade composta pelos seguintes elementos: o conhecido, a cultura, a criatividade potencial e a espontaneidade. Sendo que a grande protagonista, a meu ver, a espontaneidade é um *arqui-catalisador*, como sugere Moreno, que – quando encontra um ambiente (sociopsicodrama, por exemplo) e uma ferramenta (jogos, por exemplo) para se desenvolver – começa a atuar na Unidade Criativa, reagindo na *arqui-substância* criatividade potencial que se une com o conhecido e com a cultura gerando assim um produto novo: a criatividade realizada ou, ainda, uma nova resposta à uma situação já conhecida ou nova, proporcionada pela grande protagonista: espontaneidade, o tão querido e falado por Moreno *Fator E*.

A Catarse é outro importante ‘agente químico’ dessa reação. Pois é ela quem da vazão, liberta e libera as partes egoístas, as partes ‘doentes’ do EU, ou melhor, dos papéis que formam o EU. É ela quem, como um purgante, elimina as energias que já não são mais necessárias para o EU e para os papéis que esse EU desempenha.

E é justamente aqui nesse ponto que chegamos aos dois elementos finais do fio condutor proposto. Pois como vimos no fio condutor, os dois elementos finais são, aparentemente os mesmos dois elementos iniciais do fio condutor. Eles só não são exatamente os mesmos, pois os elementos EU e PAPÉIS do início do fio condutor, não haviam passado pelo rio do Sociopsicodrama com seus jogos, com sua Unidade Criativa e Catarse. Esses dois elementos EU e PAPÉIS que surgem ao final do fio condutor são os mesmos elementos do início só que após terem se banhado e mergulhado nesse rio que é o Sociopsicodrama. E como já lembrava o antigo e grande filósofo Heráclito “um Homem não entra duas vezes no mesmo rio, pois nem o rio é o mesmo e nem o homem.” E essa é pra mim a grande função do Sociopsicodrama, fazer com que EU e seus PAPÉIS que o constituem mergulhem nesse rio que é o Socidrama para, através dos jogos que permitem a ação e reação da Unidade Criativa e Catarse se façam presentes e reformulem e reestruturem de maneira mais saudável os nossos papéis formando assim EUS Sociais mais saudáveis no mundo.

REFERÊNCIAS

- FONSECA FILHO, J. S. *Psicodrama da loucura*. 6. ed. São Paulo: Ágora, 1980.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- MARINEAU, R. F. *Jacob Levy Moreno, 1889-1974 : Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo*. São Paulo: Ágora, 1992.
- MORENO, J. L. *Psicodrama*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MORENO, J. L. *Quem Sobreviverá?*. Goiânia: Dimensão, 1992. v. 1, 2 e 3.
- MORENO, J. L. *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo: Summus, 1983.
- MORENO, J. L. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. Campinas: Livro Pleno, 1999.
- MOTTA, J. M. C. *Jogos: repetição ou criação?*. São Paulo: Plexus, 1994.
- NUDEL, B. W. *Moreno e o Hassidismo*. São Paulo: Ágora, 1994.

ANEXO

RELATO DOS ENCONTROS

PRIMEIRO SEMESTRE

Segunda-feira, 18 de março de 2013.

Escolha Sociométrica do Grupo de meninos 'A' Tarde.

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino G

Menino E

Menino A

Menino L

Menino E2

Menina C

Unidade Funcional:

Vanessa (diretora)

Gabriel (ego-auxiliar)

Paula (ego-auxiliar)

Camile (ego-auxiliar)

Márcia (ego-auxiliar)

14h. Às 14h a diretora Vanessa traz os meninos mais a menina C para a sala de psicodrama para a realização da escolha sociométrica do grupo. O projeto dramático é realizar a escolha sociométrica para a formação de dois grupos. A diretora Vanessa conta com quatro egos-auxiliares: Paula, Camile, Márcia e Gabriel (eu). Paula, Camile e Gabriel (eu), são pós-graduandos integrantes do curso de pós-graduação *latu sensu* em

sociopsicodrama pela instituição IDH (Instituto de Desenvolvimento Humano) em Porto Alegre. A ego-auxiliar Márcia é graduanda do curso de Psicologia da faculdade de psicologia da rede metodista IPA.

As nove crianças integrantes dessa escolha sociométrica foram trazidas para a sala pela diretora Vanessa. Ao entrarem na sala alguns dos meninos subiram nas cadeiras que ficavam empilhadas no fundo da sala. Depois, começaram a caminhar, correr e gritar. Após esse primeiro momento, eles começaram a manifestar sinais de violência e raiva. A condução ficou um tanto quanto difícil. No meio da sala estava um tapete.

Então a pedido da ego-auxiliar Camile, juntamente comigo, propusemos uma percussão rítmica feita com o corpo, batendo as mãos nas pernas e batendo palmas. Nesse momento tivemos a primeira diferenciação e consonância do grupo. Pois o grupo conseguiu se reunir em círculo e reproduzir o ritmo que era proposto pela Camile e por mim. Nesse rápido momento que durou não mais que um minuto e meio, a diretora Vanessa propôs que eles escolhessem uma pessoa para fazer uma apresentação dentro da área do tapete. Deveriam, então, de dois em dois entrar no tapete e fazer uma apresentação do que quisessem. Foi pedido a eles também que dissessem seus nomes após a realização da apresentação.

A primeira dupla foi G e C. Eles falaram seus nomes e fizeram uma dança de capoeira. A segunda dupla foi V e eu, pois o mesmo me escolheu. Entramos então no cenário dramático delimitado pelo tapete e como não tínhamos combinado o que faríamos perguntei para ele o que iríamos fazer. Ele me respondeu: “Eu quero brigar”. E eu disse: “Tá bom... Vamos brigar então”. V veio para cima de mim em tom de brincadeira e com riso, porém buscando me acertar com socos e poucos chutes que imprimia força. Vendo que eu estava levando a brincadeira em tom de ‘seriedade’ fazendo movimentos mais rápidos, ele investia e recuava. Essa cena durou também não mais que um minuto e em seguida se desfez.

Após essas duas duplas se apresentarem, todos eles passaram a ignorar o contexto e a proposta que havia sido criada da apresentação dos nomes. Então a diretora Vanessa sugeriu que eles, um a um (ao invés de duplas), entrassem no cenário, fizessem algo e dissessem seu nome. Alguns fizeram, enquanto outros apresentavam comportamentos de implicância uns com os outros, o que por vezes provocava brigas que precisavam ser separadas. Houve outros ainda que se isolavam não querendo fazer nada do que estivesse acontecendo, principalmente se estivesse envolvendo brigas.

Então quando alguns empurrões, gestos, e olhares belicosos simultâneos estavam acontecendo em volta do cenário, sugeri que, de dois em dois, entrassem para brigar dentro cenário do ringue e que um deles fosse o juiz. Esse movimento de definição de contexto (tentativa de criar um contexto sociopsicodramático) durou alguns minutos, onde algumas ‘lutas’ (sociopsicodramáticas) aconteceram. É certo também que em alguns momentos eles não respeitavam o contexto sociopsicodramático (cenário do ringue). Ao passo que esse ringue acontecia, algumas brigas paralelas fora do jogo do ‘ringue’ (fora do contexto sociopsicodramático e dentro de um contexto mais grupal) ainda eram constantes.

Em uma manifestação de raiva mais forte que aconteceu por parte de E contra L a ego-auxiliar, Paula, agarrou um almofada pedindo que E batesse na almofada com força. E, então, começou a desferir socos e chutes com seriedade, força e expressões de raiva na almofada. Ao perceberem o movimento, alguns membros do grupo fizeram fila para também bater na almofada. Vendo que a consigna teve aprovação pelo grupo, também peguei uma almofada.

Então, após esse momento a diretora Vanessa deu a consigna dos panos. Colocando um pano xadrez grande, um pano vermelho e branco pequeno, um pano verde pequeno, um cobertor cinza velho em cantos separados da sala, a diretora começou a atividade que se propunha formar dois grupos por critérios sociométricos. A partir desse momento, alguns meninos e a menina C sentaram-se no pano xadrez (que era o maior) e me pediram para puxar o pano, como se fosse um barco. Em pouco tempo estavam todos sendo puxados ou no *barco xadrez* ou no *barco amarelo*. O único que não estava em nenhum desses dois barcos era L (Marujo Verde) que estava sentado sozinho no *barco verde* (pano verde).

A partir desse momento então tínhamos quatro meninos no barco xadrez (I, A, C, V e a menina C). No barco amarelo tínhamos três meninos (E, E2 e G). E tínhamos o barco verde de L. Então como precisávamos de dois grupos, a diretora Vanessa deu a consigna de que o marujo precisava escolher ou o barco xadrez ou o barco amarelo. Eles não prestaram atenção na primeira vez; então centralizamos a atenção para dizer que eles precisavam escolher ou o barco xadrez ou o barco amarelo, pois esses seriam os grupos que eles trabalhariam com o psicodrama durante o ano. Nesse momento, a menina C ficou bastante chateada e disse que não queria mais brincar e que não ficaria num grupo só com meninos. O *marujo verde* (menino L) ignorou completamente o

pedido e permaneceu isolado. Somente quando solicitado a escolher quase topou amarrar seu barco verde no barco amarelo. Mas depois desistiu e disse: “Quero ficar nesse barco” (no barco verde).

Então como resultado dessa escolha sociométrica, tivemos o seguinte encaminhamento: formamos um grupo com os meninos que estavam no barco xadrez (I, A, C e V). A menina C não ficou em nenhum dos grupos e, posteriormente, participou de uma outra escolha sociométrica que seria destinada a formar um grupo só de meninas. O segundo grupo foi formado pelos meninos do Barco Amarelo (E, E2 e G). O menino L ficou inicialmente sem grupo.

Porém, por questões institucionais de horários, disponibilidades de salas e pessoas para poderem dirigir os grupos, houve uma junção dos dois grupos (barco xadrez e barco amarelo) mais o menino L. Ou seja, os grupos formados pela escolha sociométrica, devido a questões institucionais e de ordem práticas tiveram que ser unidos num só, inclusive com a inclusão do menino L. Esse fato de os grupos terem sido reunidos num só, posteriormente, gerou algumas dificuldades nos primeiros encontros.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro:

Neste primeiro encontro vejo que estava pouco preparado e não imaginava que fosse encontrar tamanha necessidade de atenção, entrega e estar presente no momento. O caos que se configurou foi bem difícil de ser trabalhado em muitos momentos. As delimitações de contextos sociopsicodramáticos que aconteceram foram um grande oásis no encontro.

Neste encontro tive a chance de ver que a necessidade de estar o mais presente possível e com as rédeas na mão é algo importantíssimo para a condução de um grupo como o que trabalhamos. E ter as rédeas na mão não significa querer controlar tudo, mas sim estar o mais presente possível para saber como direcionar os conteúdos e demandas que o grupo apresenta. A equipe precisa estar bem ciente de onde querer chegar com o grupo e com qual projeto dramático está trabalhando.

Neste primeiro encontro do grupo, tivemos um ambiente bem caótico durante a maior parte do encontro. Houve alguns momentos de delimitação de contexto sociopsicodramático com o jogo do *ringue* e com o jogo dos *barcos*. Havia uma sociometria neste encontro que foi pautada bastante pelo critério de “quem eu vou

agredir” e de “quem eu escolho para ser meu aliado para bater em alguém”. Houve um grande número de escolhas dos meninos em relação a L. O menino L havia entrado no SASE recentemente. Esse fator pode ter também contribuído para que ele tenha sido bastante escolhido para ser agredido.

As regras e os contextos foram respeitados durante pouca parte do tempo. E os limites de violência e agressão estavam em um nível pouco saudável.

A comunicação entre nós neste primeiro encontro funcionou bem. Parece que todos agiram de acordo com a necessidade do momento e com as orientações da diretora. Já a comunicação com o grupo funcionou em poucos momentos. A maior parte do tempo a comunicação que propúnhamos foi pouco escutada ou atendida pelo grupo.

Como equipe, aprendemos um pouco mais sobre como nos comunicar com o grupo, ou ao menos ficamos com a tarefa de pensar novas formas de comunicação para sermos mais escutados pelo grupo.

Quarta-feira, 20 de março de 2013.

Primeiro encontro do Grupo ‘A’ Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino G

Menino E2

Menino A

Menino E

Menino L

Unidade Funcional:

Gabriel (diretor)

Vanessa (ego-auxiliar)

Juan (ego-auxiliar)

Celina (ego-auxiliar)

Por questões de organização de horário e salas que o SASE oferecia foi decidido (na supervisão que aconteceu no IDH no dia 18 de março, segunda-feira, após a escolha sociométrica) juntar todos os oito meninos num mesmo grupo e de levar a menina C para ficar em outro grupo que fosse de meninas.

Então, às 14h45min foram chamados os oito meninos para entrar na sala do projeto de sociopsicodrama. Na sala tínhamos almofadas, panos, cadeiras empilhadas, um saco de pancadas e um tapete. Interessante notar que L apresentou resistência para entrar na sala (indicando mais uma vez que ele não estava sociometricamente adequado àquele grupo). Ao entrarem na sala, os meninos se direcionaram direto para as almofadas. Jogaram-se em cima das mesmas e após poucos minutos já estavam fazendo guerra de almofadas. Mais uma vez, neste dia, sentimentos como a violência e a raiva se manifestaram nos meninos e parece ter sido uma das tônicas principais do encontro. Neste começo tentei algumas investidas de concentrá-los para criar um contexto sociopsicodramático, um cenário. Mas não obtive êxito. Somente fui escutado no momento em que os chamei um a um pelo nome para fazer uma roda.

Então deixei esse aquecimento com almofadas prosseguir e em seguida eles mesmos propuseram lutar no ringue. Esse momento foi bom e parece ter sido uma recapitulação do encontro anterior e um começo mais definido de uma delimitação de contexto sociopsicodramático. Eles mesmos lembraram-se das regras que haviam estipulado no encontro anterior (sem soco, sem chute, só se pode derrubar o adversário e imobilizá-lo). Lembraram também da existência do Juiz. Então começaram a fazer as lutas dentro do cenário.

Tínhamos uma série de “lutadores” na fila para lutar. Algumas vezes ainda havia “desrespeito” ao contexto sociopsicodramático e aconteciam brigas e lutas fora do cenário, fora do ringue. Para evitar as brigas paralelas, a ego-auxiliar Vanessa, ao lado do ringue, pegou o saco de pancadas e então deu a consigna de que naquele espaço, ao lado do ringue, era o centro de treinamento para quem não estivesse no ringue. Isso criou um novo cenário e concentrou alguns meninos como E e E2.

Interessante notar que as brigas paralelas, que aconteciam fora dos contextos sociopsicodramáticos, começaram a ser desenvolvidas da seguinte forma: o menino L, que até então era o menino mais isolado, começou a apresentar um padrão de procurar, geralmente, o menino E2 para agredi-lo. E quando L tentava agredir E2, (e, algumas vezes, conseguiu devido a grande movimentação e agitação que se configurava neste segundo encontro do grupo, sendo que nem sempre os egos-auxiliares nem o diretor

conseguiram dar conta) L fazia isso com força, até com um certo grau de maldade, uma agressividade que tentava realmente machucar E2.

Aconteceu um momento em que o menino E2 estava deitado no chão e então L veio para perto para chutar a cabeça de E2 contra o chão. Como nenhum dos egos-auxiliares nem eu consegui impedir essa movimentação, devido ao teor um tanto quanto caótico que o grupo estava naquele momento, L realmente conseguiu acertar E2. Após esse ataque de L, se configurou o padrão de que todos os outros meninos do grupo começaram a perseguir L na vontade de agredi-lo. Essa perseguição é claro se realizou totalmente fora do contexto sociopsicodramático.

Então chegou um momento de perseguição a L em que o ego-auxiliar Juan usou do papel de verticalidade e autoridade masculino-paterna impondo a ordem através da alta voz e veemência do tom e gestos corporais. Nesse momento houve uma organização no grupo.

Esse evento foi após o jogo com o cenário do *ringue* de L com E2. O menino L só queria ir para o ringue se fosse com o E2. Mas E2 não queria. Então teve um momento em que E2 aceitou. Foram estabelecidas as regras. Sem soco, sem chute. No primeiro “round”, L desferiu um soco em E2. Nesse momento foi possível ver a não aceitação dos outros meninos que estavam nesse momento no papel de público. Após uma pausa dessa cena que serviu para se reexplicar as regras, a luta recomeçou. Então, novamente L insistiu em desferir socos. Nesse momento o menino C invadiu o *ringue* para agredir L, reivindicando as regras da luta.

Então em um novo momento, trouxemos um novo cenário: um pano para fazer o barco. Algumas tentativas de agressão física ainda estavam acontecendo principalmente envolvendo L e E2. Então mesmo sendo solicitado a puxar o barco, parei e me agachei próximo a eles para conversar. Pois L não estava sendo aceito no barco. Então eu disse: “Tá peraí pessoal. Como a gente pode resolver isso aí? Eu to vendo que o L está batendo em vocês, e vocês todos estão querendo bater no L. Como que agente pode resolver isso pra todos poderem entrar no barco?”.

Então A disse: “Ah! É só se ele não bater mais”. Então a ego-auxiliar Vanessa perguntou para L: “E aí L... Se tu não bateres, eles deixam tu entrar no barco. Tu te comprometes em não bater neles?”. L acenou com a cabeça em sinal afirmativo, ansioso para entrar no barco. Então a ego-auxiliar Vanessa disse em tom mais alto de voz: “Vocês viram? O L disse que não vai bater. E vocês? Também se comprometem em não bater?” E eles responderam que sim. Então permitiram que L entrasse no barco.

Interessante que ele sentou no lugar mais próximo de C e este permitiu neste primeiro momento pós-acordo.

Ainda restavam dois marujos que estavam fora do Barco Xadrez e que estavam em cima do cobertor cinza, pois nem todos cabiam dentro do barco. Então, agachado, perguntei: “E aí pessoal, temos dois marujos fora do barco, como podemos fazer para todos poderem navegar?”. Eles responderam: “Amarra os dois barcos, amarra os dois barcos”.

Então começamos a navegar. Eu e o ego-auxiliar Juan puxávamos o barco. E antes de começar a viagem perguntamos a eles: “Para onde estamos indo?”. E eles responderam: “Para o Sul!”. Dissemos: “A então tá, estamos indo para o sul!”. E fomos. Neste momento, com um contexto sociopsicodramático definido navegamos até chegarmos numa ilha. Ao chegar à ilha todos foram para a terra e encontraram um tesouro. Quis saber o que faríamos com o tesouro; porém nessa hora um dos egos-auxiliares deu a consigna de que tinham piratas vindo da ilha e que precisavam retornar ao barco. Todos retornaram ao barco. Depois de uma outra jornada navegando paramos em terra e perguntei: “O que vamos fazer com o tesouro?”. E o menino E respondeu: “Vamos ficar ricos. Vamos comprar um monte de coisa e vamos ficar ricos”.

Após esse momento, então, eles começaram a modificar o jogo. E aqui entra um novo jogo no grupo: o jogo dos zumbis. O terceiro movimento de delimitação de contexto que conseguimos até então. O jogo dos zumbis foi o jogo que mais conseguimos delimitar o contexto sociopsicodramático, no qual eles conseguiram entrar em papéis simbólicos e de fantasia. Até então tivemos os seguintes contextos sociopsicodramáticos delimitados: 1º Ringue-Lutadores, 2º Barcos-Marujos e 3º Noite-Zumbis.

Os meninos fecharam as cortinas da sala, apagaram as lâmpadas e deitaram-se em embaixo do pano que outrora era o barco. Ficaram fazendo barulhos e sons de “Uuuu”. A maioria dos meninos eram zumbis. Um pequeno grupo (E2, G e A) entrou no papel de mortais perseguidos, que demonstravam medo enquanto gritavam e procuravam proteção. Então quando ficava dia e as lâmpadas eram acesas e as cortinas eram abertas, os zumbis voltavam para debaixo do pano. Assim que escurecia (e as lâmpadas eram apagadas e as cortinas fechadas), os zumbis retornavam a assustar os mortais.

Num determinado ponto do jogo houve um momento em que E2 ficou realmente assustado e começou a querer controlar as lâmpadas da sala ligando-as e

desligando-as. Essa movimentação de querer controlar as lâmpadas “estragou” o desenrolar da história e desencadeou uma nova tentativa de briga (fora do contexto sociopsicodramático) de I e C contra E2. Nesse momento em que o foco sociopsicodramático ficou abalado e eles voltaram para o contexto grupal, o menino L atacou E2 e então todos começaram a perseguir L novamente.

Após esse momento, tentei reuni-los em volta do cenário para trazer o foco para o que o menino A havia dito quando viu a cena que acabava de acontecer envolvendo L: “Ele [L] quebrou o contrato”. (O menino A foi quem havia dito no começo da sessão, sentado nas cadeiras empilhadas: “Eu não vou brincar enquanto tiver essa bagunça aí.”)

Mas a concentração se dissipou novamente, pois o foco estava na disputa de quem iria controlar os disjuntores das lâmpadas. Então concentramo-nos perto do armário dos tênis. Quis reforçar o contrato e estabelecer mais regras que pautassem nosso grupo, mas não tive sucesso. Perguntei também quem queria vir no próximo grupo. A maioria respondeu que sim, exceto L. O menino C disse que não retornaria e falou: “Eu não, porque esse putto (se referindo a L) vai vir”.

Para o fechamento, comecei a percutir um ritmo usando as mãos nas pernas. Os meninos me acompanharam. Enquanto fazíamos isso, o menino C, como na sessão passada, começou a falar: “Cagalhão. Cagalhão”.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Nesse encontro tivemos o início oficial do grupo. Tivemos alguns bons momentos de contextualização sociopsicodramática com os jogos do ringue, do barco e dos zumbis. Porém foram eventos que tiveram uma duração menor se comparada com os momentos em que o grupo estava em um nível mais caótico e apresentando uma temática bem forte de violência e agressão física.

Houve um tema protagônico de violência e perseguição do grupo que surgiu fora do contexto sociopsicodramático que foi centralizado no menino L. Toda vez que o contexto sociopsicodramático não estava muito bem delimitado havia uma tentativa de briga e agressão física. Foi um tanto difícil em alguns momentos a condução do grupo, mesmo contando com três egos-auxiliares.

Porém no saldo geral fiquei satisfeito pelos momentos de contextualização que ocorreram, pois eles indicaram uma evolução no sentido do grupo conseguir ter entrado

no contexto sociopsicodramático, conseguindo, inclusive, ter entrado em papéis em alguns momentos.

Quarta-feira, 27 de março de 2013.

Segundo encontro do Grupo ‘A’ Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino G

Menino E2

Menino A

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Vanessa (Ego-Auxiliar)

Juan (Ego-Auxiliar)

Neste encontro do grupo o menino L já não fazia mais parte do grupo. L foi retirado do grupo de acordo com o que foi decidido na supervisão realizada no IDH anterior a este encontro. O menino E2 também não estava, pois o mesmo não quis participar neste dia. O menino E também não estava presente, pois não havia comparecido ao SASE neste dia.

Ao subirmos para a sala, dei para os meninos uma fita de tecido e disse que eles deveriam colocar para entrar na sala. Pois queria criar um marcador físico que indicasse que eles estavam entrando em contexto sociopsicodramático. Eles automaticamente colocaram a fita na cabeça e o menino I disse: “Eba! Tipo faixa de judô!” e começou a chutar com golpes marciais o menino A. Este começou a chorar e disse que não iria mais participar do grupo e se isolou num local próximo das escadas no corredor que levava até a sala do projeto de sociopsicodrama. Então a ego-auxiliar Vanessa e o ego-auxiliar Juan foram até lá para ver como A estava e ficaram conversando com ele alguns minutos. Nesse momento todos os meninos do grupo foram até lá e aconteceu um primeiro acordo. O menino A disse que I tinha batido nele e este,

então, assumiu a responsabilidade de pedir desculpas. Pediu desculpas ora em tom sério, depois levemente jocoso, mas depois sério novamente.

Entramos na sala e eles imediatamente encontraram a bolinha de pano e começaram a fazer a organização de um futebol. Eu recuperei a bolinha e propus o caçador. Aceitaram a ideia e começou o jogo. O único que não estava participando neste momento era o menino A. Então o jogo se desenvolveu e esfriou logo em seguida. Propus que ficassem em duplas, mas o grupo não respondeu bem. Mas de alguma forma aconteceu uma contextualização legal e eles jogaram de acordo com as regras.

Quando esse momento acabou, dividimos a sala em dois grupos: os que queriam jogar bola e os que não queriam. Com um pano separando a sala ficaram para o lado da janela os que queriam jogar bola: C, G e I. Do outro lado, os que queriam brincar de barco: A, e V. Depois de uma insistência dos meninos puxamos os barcos.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

A minha tentativa de usar um marcador físico antes de começar o grupo para delimitar que estávamos entrando em contexto sociopsicodramático foi por terra logo no início. Percebi ali que o trabalho de delimitação de contexto sociopsicodramático com os meninos deveria ser a cada segundo, a cada momento com a condução e criação de jogos a partir do conteúdo que eles traziam.

O fato de o menino L ter saído do grupo e o fato deste encontro ter contado com um quórum menor parecem ter contribuído para uma direção mais confortável e fácil. Os contextos sociopsicodramáticos que foram alcançados com os jogos do barco, do caçador e do futebol foram bem satisfatórios.

A equipe trabalhou de uma maneira mais tranquila e mais afinada e conseguimos ser um pouco mais escutados pelos meninos.

Quarta-feira, 3 de abril de 2013.

Terceiro encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino E2

Menino A

Menino E

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Juan (Ego-Auxiliar)

Vanessa (Ego-Auxiliar)

Nesse encontro nos primeiros momentos como aquecimento fizemos dois times de futebol. O ego-auxiliar Juan, os meninos I e C num time. No outro time os meninos E2, E e eu. O menino A não quis jogar e pediu desde o início para a ego-auxiliar Vanessa se podia pintar. Ficamos de acordo Vanessa e eu, e então ela deu o material para ele ficar pintando na mesa. O jogo durou alguns minutos. Depois desse momento, os meninos tentaram lutar, então acordamos que se quisessem lutar teria de ser dentro do espaço tapete e com regras. Então fizemos o jogo do ringue. O ego-auxiliar Juan ficou sendo o juiz. Enquanto isso o menino A continuava pintando.

Num determinado momento os demais meninos não mais se interessaram nem pelo futebol nem pelas lutas e decidiram todos pintar. Então se aproximaram e se sentaram à mesa cada um com sua folha e pincel e ficaram um bom tempo concentrados pintando. No primeiro momento os desenhos resultantes foram bem interessantes. O menino I fez uma bandeira tricolor ao estilo da bandeira da França, mas com cores diferentes. O menino C pintou um coração sorridente com um sol em cima. O menino E2 também desenhou um coração. O menino A desenhou objetos amarelos com detalhes pretos e batizou seu desenho com um nome estranho. E o menino E desenhou uma massa indiferenciada abstrata.

Depois dessa etapa, aconteceu um segundo momento. Nesse segundo momento os meninos descobriram que misturando as cores era possível criar cores novas então ficaram misturando cores nas tampinhas e depois em cima de seus próprios desenhos. Então cobriram seus desenhos iniciais com essa massa de cor que produziam. O único que manteve seu desenho inicial foi I. Depois que concluíram essa etapa, pediram para que as pinturas fossem colocadas em um lugar para secarem.

Feito isso, começaram a querer a sujar o menino E2 e acabaram fazendo sujeira de tinta na região da sala próxima a mesa e principalmente toda a superfície da mesa.

Porém depois auxiliaram a limpar a mesa e o chão. Embora em alguns momentos o menino I tenha tentado usar água pra sujar ainda mais o que os outros estavam limpando.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Tivemos nesse encontro uma sessão mais organizada. Um aquecimento com futebol. Um jogo de ringue que já se prolongou mais que os anteriores. O jogo de pintar que também teve um tempo bom de duração foi bem produtivo, pois teve um contexto bem definido. Somente ao final tivemos algumas formas de agressão verbal e emocional de I, V, C e E contra o menino E2.

Quarta-feira, 10 de abril de 2013.

Quarto encontro do Grupo ‘A’ Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V (atrasado)

Menino C

Menino E2

Menino A

Menino E

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Juan (Ego-Auxiliar)

Vanessa (Ego-Auxiliar)

Logo que chegaram à sala, os meninos subiram nas cadeiras que ficavam perto da porta. Enquanto alguns estavam sentados outros já começavam a demonstrar vontade de brigar, pois estavam se implicando mutuamente e “brincando” de tapas. Então sentado no tapete que estava de frente para as cadeiras que estavam em um nível bem mais alto, convidei os meninos para confirmarmos as regras da luta. Então acordamos novamente que não valia soco nem chute. Não valia acertar no rosto e também não valia

acertar nas partes baixas. Ficaram de comum acordo e então pela sugestão do Juan levamos o tapete para o centro da sala. Foi até então um dos jogos de ringue mais organizadas. Tínhamos uma torcida (meninos e egos), juiz e lutadores. Aconteceram dois rounds de uma luta entre E2 e C, onde V era o juiz. O primeiro round foi longo e o menino E2 ganhou. O segundo round também foi extenso e quando E2 estava ganhando ao imobilizar o menino C, o juiz, V, falou para E2: “E2 bate no chão E2. Bate no chão pra ganhar!”. E o menino E2, então, bateu no chão não percebendo que quem batesse no chão seria quem perde a luta. Ou seja, mais uma vez E2 foi “agredido”, ao ser enganado propositadamente por seus colegas.

Depois desse momento houve alguma situação em que C e E se juntaram para agredir V. Este revidou com força e acertou E. Então a partir desse momento o menino E entrou num estado de raiva intensa em que gritava chorava e perseguia o menino V para agredi-lo. Esse estado do menino E perdurou até o final da sessão o que deve ter se aproximado de 30 ou 40 minutos. Então, para contê-lo, algum dos egos precisava ficar segurando-o, pois o estado de raiva dele era realmente intenso. Era o protagonista, era o comportamento protagônico: o acesso de raiva que busca o revidar a qualquer custo.

Após ser segurado pelos egos por um período resolvi tentar eu uma aproximação dele. Então peguei um pequeno saco de pancada que tínhamos na sala e me coloquei na frente dele com o saco impedindo que ele chegasse até V, mas ao mesmo tempo procurando que ele descontasse aquela raiva toda no saco como se aquele saco fosse V.

Enquanto eu estava com E, os dois egos, Juan e Vanessa, junto com os outros meninos começaram um jogo de cão e adestrador, onde C era um adestrador de cães e os meninos I, E2 e V eram cães. Interessante notar aqui que I e V entraram nos papéis de cão, sendo que eles eram, até então, os meninos que davam o tom das brincadeiras e que entravam em papéis de liderança e controle.

Após um período do jogo dos cães e após E serenar, a ego-auxiliar Vanessa foi buscar água. No momento em que a ego-auxiliar Vanessa entrou na sala novamente com copos e uma jarra de água e perguntou: “Quem quer água?”; todos os cães e o adestrador foram beber água. O menino E que também havia serenado naquele momento retornou para o contexto grupal e foi beber água ao lado do Vítor e ficaram ali alguns poucos minutos todos em círculo bebendo água. Parecia que E havia esquecido completamente de querer bater em V. Porém quando terminou de beber seu copo de água, E, que estava de pé, começou a querer a chutar V que estava ao seu lado enquanto

os outros meninos ainda estavam sentados bebendo água. Neste momento o ego-auxiliar Juan impediu e segurou E enquanto ele tentava bater em V embora agora com mais tranquilidade.

Chegou então na hora de fechar o encontro do dia do grupo e eles se organizaram para descer. O Juan então se aproximou de E e deu uma atenção especial para ele. O menino E então se acalmou e se preparou para descer também junto com o Juan.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Nesse encontro tivemos momentos bem intensos. Tivemos no início cenas com os jogos de ringue que foram bem proveitosas e que tiveram uma boa duração. Tivemos após alguns movimentos de agressão que não conseguimos impedir e que resultaram no evento de E com seu acesso de raiva. Após, tivemos o jogo dos cães e seus adestradores que foi também bem proveitosa.

Enquanto diretor, para mim foi bem novo o fato de ter que administrar um menino que entrou em um acesso de raiva e permaneceu nele durante mais de trinta minutos. Foi um tanto desafiador conseguir se manter no papel de diretor e ser continente para criar um ambiente em que o menino E pudesse expressar aqueles sentimentos que estavam o incomodando. Em alguns momentos parecia que ele estava externando toda a raiva de sua vida e que o evento que havia sucedido entre E e V havia despertado aquele acesso. Embora tenha sido difícil, parece que ao final do encontro o saldo foi positivo, pois quando o ego-auxiliar Juan foi conversar com E antes do término do grupo, este retomou seu comportamento natural e voltou ao contexto grupal se preparando para voltar as atividades que se seguiriam durante a tarde.

Quanto a E, podemos dizer que houve um processo psicodramático em seu acesso de raiva em que ele passou por uma catarse de ab-reação, onde através de um “start” que se deu dentro do contexto do grupo, ele acessou algum conteúdo seu e o externalizou durante algum tempo. Sendo essa uma das principais funções da catarse de ab-reação: externar uma emoção psíquica guardada, sem necessariamente resignificá-la, sem uma reconstruí-la com um novo entendimento sobre o material externalizado.

A unidade funcional foi de extrema importância nesse encontro e trabalhou de forma perfeita. A percepção da unidade funcional sobre o que estava acontecendo e sua postura de continuar sendo continente tanto para o menino E quanto para os outros

meninos, foi de extrema importância. Como diretor me senti bem seguro vendo que no momento em que haviam duas situações acontecendo (Jogo de cães e adestradores, e o acesso de raiva de E) os egos-auxiliares estavam perfeitamente dispostos tanto para estar dando conta dos meninos quanto de E.

O grupo de meninos parece que experimentou algo novo também com os acontecimentos desse encontro. Fiquei com a impressão que a partir desse encontro eles sentiram um respeito maior pelo o que acontece no grupo e também começaram a ter um senso um pouco mais amplo sobre a responsabilidade de cada um em relação ao outro e de cada um em relação ao grupo

Quarta-feira, 17 de abril de 2013.

Quinto encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino E2

Menino A

Menino E

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Juan (Ego Auxiliar)

Na supervisão que aconteceu na segunda-feira (dia 15 de abril) a ego-auxiliar Vanessa Rodrigues solicitou a sua saída do grupo por demandas pessoais.

Ao chegar no SASE na quarta-feira antes de começarmos o grupo, o ego-auxiliar Juan sugeriu que usássemos as bolinhas de plástico (bolinhas de plástico daquelas de 'piscina de bolinhas') no grupo, pois outros grupos já haviam usado e tinham tido jogos legais. Então quando subimos com os meninos eles logo que entraram já perguntaram pelas bolinhas. Então o Juan buscou as bolinhas que estavam dentro de um saco plástico grande. Enquanto todos eles estavam em volta do saco tentando abri-lo e pedindo para eu abri-lo, mantive-o e disse que antes de começarmos precisávamos

estabelecer algumas regras juntos. Então comecei a perguntar o que podia e o que não podia para eles. E eles foram dizendo e criando as regras. Estabeleceram que podiam jogar as bolinhas de plástico com força. Mas que não podiam bater um nos outros. E que se alguém brigasse teria que sair da sala, sair do encontro daquele dia. Mas que podiam jogar as bolinhas com força.

Então joguei as bolinhas no centro da sala em cima do tapete. E inicialmente a batalha de bolinhas começou com todos contra todos. Alguma vez que outra, alguma bolinha mais forte estalava no corpo de algum dos meninos e isso suscitava, algumas vezes, o início de um choro ou uma tentativa de revidar no atirador com socos e chutes até que o ego-auxiliar Juan ou eu lembrássemos que estava dentro das regras atirar bolinhas fortes. E que o menino então revidasse com outra bolinha forte ao invés de socos e chutes.

Num segundo momento se formaram dois times um de cada lado da sala com uma barreira de cadeiras na frente como proteção, como se fosse um forte. De um lado estavam o ego-auxiliar Juan, A, E2 e E. Do outro estavam I, C, V e eu. E assim foi durante um bom tempo: um jogo de batalha entre dois fortes que lançavam suas bolinhas.

Depois desse momento começaram, então, tentar invadir um o forte do outro. E nesse momento os combates se tronaram novamente mais próximos e individuais. Até que chegou um momento em que E e C começaram a brigar de chutes e socos. Nesse momento o ego-auxiliar Juan que estava mais próximo falou: “Ah! Ah! Ah! Qual era o combinado nas regras?! Vão ter que descer os dois”.

Então eu me aproximei dos dois e reforcei as palavras do Juan para mantermos uma coerência com cumprimento das regras. Eles então (para minha surpresa) atenderam a solicitação e ficaram com feições chateadas enquanto se dirigiam para o armário para pegarem seus tênis. No trajeto até o armário o menino E ainda me perguntou: “A sor! Posso ficar mais. Eu não vou fazer de novo.”; com uma sinceridade e verdade que me emocionou e quase me fez repensar a determinação, mas querendo ser coerente com o grupo e com as regras que havíamos estabelecido, disse e expliquei, da maneira mais firme que pude, para ele que eles teriam que descer porque tínhamos combinado no início do grupo e que regras são as regras e que tínhamos combinado e que semana que vem eles poderiam voltar. O menino E me escutou atento e compreendeu, embora fosse claro a sua cara de chateação.

Quando falei que semana que vem eles poderiam voltar o menino C se manifestou e disse: “Ah, eu nunca mais vou voltar neste grupo.”. (Na semana seguinte ele voltou). Mas, ao mesmo tempo em que C falava isso, fazia jeitos e trejeitos para delongar ao máximo o ato de colocar os sapatos nos pés. E esse momento deve ter durado quase uns cinco minutos. Após eles terem colocado os sapatos levei-os até o andar de baixo e comuniquei à Educadora responsável que eles naquele dia não participariam mais do grupo devido ao cumprimento de algumas regras.

Quando retornei para a sala o jogo com as bolinhas havia esfriado. Então o menino I começou a construção de uma casa com cadeiras e com a mesa da sala (esta devia ser a quarta ou terceira vez que ele trazia essa temática da construção de uma casa, mas desta vez foi a primeira que pode construir ela efetivamente sendo que todos entraram nesse jogo).

Juntamente com I, o menino V construía uma casa também. Do outro lado, A começou a construir outra casa e E2 o auxiliava. O menino A reclamava que E2 não sabia ajudar a montar uma casa. Mas ficaram ali os dois tentando montar a casa.

Depois desse momento os meninos começaram a juntar as bolinhas para dentro de suas casas. Então o ego-auxiliar Juan perguntou: “Porque vocês estão juntando as bolinhas. Quais são as regras do jogo? Quem ganha o jogo?”. E ficou acordado, então, que era quem tivesse menos bolinhas na sua casa. Os meninos começaram a atirar as bolinhas, mas o que se mostrou foi que I ficou bem protegido no andar de baixo de sua casa arrecadando as bolinhas que os outros jogavam e ria e, às vezes, falava para V: “Deixa eles jogarem”.

Algumas vezes algum dos meninos tentava atirar algumas bolinhas mais de perto, mas logo desistia. E assim foi até a hora de terminar o grupo. Na hora de terminar o grupo solicitamos que eles juntassem as bolinhas, e foi o que fizeram. Também auxiliaram a juntar as cadeiras. O menino E2 segurou o saco enquanto os outros meninos colocavam as bolinhas dentro. O menino I, nesse momento, jogava as bolinhas com força dentro do saco tentando acertar E2.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Tivemos nesse encontro, então, um aquecimento inespecífico e específico com bolinhas de plástico, o que mais adiante se configurou num jogo de batalha entre dois fortes. Quando um time tentou invadir o outro forte e houve uma briga que saiu do

contexto sociopsicodramático, os meninos C e E saíram da sala devido ao descumprimento das regras do grupo, que haviam sido estabelecidas antes do jogo começar. Após, houve um momento de “como se” que envolvia a construção de casas com cadeiras e mesas e a tentativa de arrecadar bolinhas.

Quarta-feira, 24 de abril de 2013.

Sexto encontro do Grupo ‘A’ Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino G

Menino E2

Menino A

Menino I2

Menino E

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Juan (Ego-Auxiliar)

Neste encontro começaram a fazer parte do grupo os meninos I2 e G. A informação de que ele entraria nesse grupo já havia sido passada uma semana antes.

Ao entrarem na sala os meninos começaram a resgatar a brincadeira que tinham começado no encontro anterior e que inclusive já haviam mencionado que gostariam de retomar nesse encontro. A brincadeira se tratava de construir uma casinha com as cadeiras e com alguns cobertores e panos que tínhamos disponíveis.

Quem começou essa brincadeira (como no encontro anterior) foi o menino I. Então, inicialmente, montaram-se duas casas: uma que foi arquitetada por I e construída com o auxílio de V, G e C. A outra casa foi arquitetada por A, que encontrou auxílio para construção em E e I2. Desta vez E2 ficou de fora; pois os meninos não o deixavam entrar para participar da construção de nenhuma das casas.

Então E2, ficou brincado com a lata do lixo. Depois de alguns minutos, E2 tentou algumas vezes entrar na casa de I. E I não permitia que E2 entrasse. Nas vezes em que E2 tentava entrar na casa e I não via, algum dos meninos (G ou V) removia-o a força. Nas primeiras tentativas de E2 em entrar na casa, o menino C falou para E2: “Vem meu, entra aqui por baixo.”. C estava tentado incluir E2 na brincadeira de uma maneira que os outros não vissem. Mesmo assim, quando algum dos meninos (I, G ou V) viam E2 dentro da casa, faziam com que E2 saísse da casa a força.

No momento em que E2 tentava entrar na casa mais uma vez, eu me abaixei ao lado dele ficando na mesma posição e perguntei para ele: “O que tu quer fazer?”. Ele respondeu: “Eu quero entrar na casa.”. E eu disse: “Mas se eles não estão deixando, como tu pode fazer?”. E ele respondia novamente: “Eu quero entrar na casa”. E eu perguntei: “E por que será que eles não querem deixar que tu entre na casa?”. E ele respondia: “Eu quero entrar na casa.”. Nesse momento, E2 tentou entrar mais uma vez na casa e I o tirou a força puxando-o. O menino E2 também tentou entrar na outra casa que era arquitetada por A, mas também foi rechaçado.

Então E2 saiu dali e o ego-auxiliar Juan se aproximou dele e, dentro de um papel de amigo, começou a conversar com ele e propor a construção de uma terceira casa. Então E2 juntamente com o ego-auxiliar Juan e com o menino I2 (que estava em seu primeiro encontro e que em vários momentos ficou só observando), fizeram uma casa bem ao canto da sala.

Por volta desse momento os meninos da casa de I começaram a incluir no jogo alguns cachorros. Os meninos G, C e V entraram no papel de cachorro. Então os cachorros começaram a interagir com a casa de A primeiramente. C interagiu amigavelmente. Inclusive recebia carinho por parte dos que estavam na casa de A. Já G no papel de cachorro atacava os outros meninos que tinham que afastá-lo ou chamar seu dono. Os cachorros obedeciam o comando de I no papel de adestrador e dono dos cachorros.

E assim a o jogo funcionou durante algum tempo. Teve um determinado momento em que I percebeu que E2 e I2 brincavam na terceira casa; então I também entrou no papel de cachorro para poder entrar na casa de E2 e I2 para ver o que estava acontecendo lá. Então E2 começou a gritar e saiu da casa.

Nesse momento o jogo das casas e dos cachorros e seus donos terminou e alguns deles sugeriram brincar de bolinhas como no encontro anterior. Achei possível e verifiquei com o ego-auxiliar Juan o que ele achava e então concordamos. Um pouco

antes de o ego-auxiliar Juan e eu sentarmos para começarmos o novo jogo, C bateu em um dos meninos. Então como acordado entre todos na sessão anterior, C precisou ser retirado da sala e foi levado até o andar de baixo para uma das educadoras.

Então me sentei ao lado da casa de I e o ego-auxiliar Juan sentou atrás da casa de A. Aguardei que eles percebessem que só começaríamos se todos se concentrassem na nova etapa que começava. Alguns perceberam. Outros ainda insistiam em fazer barulho. Então quando me pediam para começar, eu falava: “Quando todos fizerem silêncio”. E quando, então, todos estavam em silêncio algum deles fazia barulho e começava algo.

E assim foi por uns cinco minutos. Quando todos finalmente acordaram entre eles em fazer silêncio e que eu ia começar a falar de como iríamos fazer as regras pra poder começar o novo jogo, então o ego-auxiliar Juan, entrando no papel que eles mesmos desempenhavam a pouco de atrapalhar a organização, começou a fazer barulho e “bagunça” tal como os meninos, realizando assim uma inversão de papéis e não deixando eles começarem o novo jogo. Os meninos que estavam quase conseguindo a nova brincadeira reclamaram bastante no início.

Porém, após alguns momentos de algazarra o ego-auxiliar Juan começou a propor dentro do papel de bagunceiro que estava, um novo papel e dizia: “Agora eu sou um monstro! Ahaahhh!”. E propôs então um novo jogo que surgiu naquele momento e que envolveu os meninos. O ego-auxiliar Juan no papel agora de monstro, começou a perseguir-los e a atacar-los. Os meninos se protegeram em cima da mesa onde o monstro não conseguia subir. Todos ficaram em cima da mesa, menos E e E2. O menino E2 ainda tentou subir em cima da mesa, mas foi empurrado por I e depois por V, que não o deixavam se proteger em cima da mesa. Nesse momento, I tentou também pegar, à força, a ponta do cobertor que estava com I2. Ao ver isso respondi “O I2 também quer o cobertor I. Não é só tu que precisa dele pra se proteger.”.

Logo em seguida o jogo com aquele ‘monstro’ tomou mais forma. Propusemos que aquele era um monstro marinho e que em cima do tapete era uma ilha e que eles (os meninos) precisariam em conjunto tentar colocar o monstro dentro da ilha para matá-lo. Os lugares em que os meninos estavam a salvo era em cima da mesa e em cima do tapete.

No primeiro momento do jogo eles se esqueceram da proposta e tentavam atacar o monstro individualmente. E perceberam que o monstro agarrava um menino por vez. E criou-se um método de salvar o outro. Um menino tentava salvar o outro e

então o monstro agarrava o menino que estava salvando e soltava o menino que estava preso. E assim foi. Quando perceberam essa dinâmica resolveram agarrar E2 a força para entregar para o monstro.

Então o monstro parou, falou e lembrou os meninos: “Ah! Vocês esqueceram totalmente do objetivo! Vocês precisam se unir pra tentar me matar! Precisam tentar me matar na ilha!”. Então dessa vez todos eles em conjunto começaram a agarrar o monstro e a tentar leva-lo pra ilha. Até que conseguiram levá-lo e mataram o monstro na ilha.

Então faltando uns dez minutos para terminar, tentamos mais uma vez propor um fechamento, um compartilhar para aquele encontro. Dessa vez parece que funcionou um pouco melhor que as vezes anteriores. Juntamente com o Juan anunciei que estava na hora de terminar o grupo e que iríamos sentar um pouquinho. Fizemos uma roda de cadeiras para todos sentarem e eles sentaram.

Inicialmente somente o menino I saiu da cadeira e se deitou na mesa. Então falei que quem quisesse vir no próximo encontro precisava sentar na cadeira. Mas que isso era livre e a pessoa podia escolher. Então I sentou na cadeira e o ego-auxiliar Juan começou a compartilhar. Disse que estava gostando das brincadeiras e que estava achando o grupo melhor que nos primeiros encontros e que achava legal nós termos construído regras juntos.

Eles concordaram e começaram a falar em um novo assunto. Propuseram de fazermos um piquenique. V trouxe a ideia e propôs de trazer uma Coca-Cola para o próximo encontro e começaram a ver quem poderia trazer o que. I falou que trazia chicletes, V falou que trazia Coca-Cola, A disse que a mãe dele poderia fazer um bolo e começaram a se articular até que E2 começou a chamar a atenção falando coisas aleatórias ou repetindo o que os meninos falavam.

Então V pegou o cesto do lixo e virou-o para batucar. I se levantou e fingiu estar batucando na lixeira também, mas estava mesmo só se deslocando para próximo de E2 para tentar agredi-lo, até que um momento o fez. Como havíamos combinado das regras, o ego-auxiliar Juan viu aquilo e imediatamente pegou I para descer com ele. Este ainda tentou argumentar que iria juntar as cadeiras e que descia depois. Mas tentando manter as regras que foram estabelecidas cumprimos com elas e o ego-auxiliar Juan desceu com o Iago mesmo faltando poucos minutos para o termino daquele encontro.

Fiquei com os meninos e começamos a juntar as cadeiras. E como mais uma evolução do grupo eles juntaram as cadeiras e se reuniram na porta para descer.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Nesse encontro começamos diretamente com o jogo de construir casas que eles já vinham trazendo. Inicialmente se construíram duas casas em dois grupos diferentes. Sendo que o E2 e I2 (que estava entrando no grupo) ficaram de fora. Num segundo momento E2 juntamente com I2 construíram uma terceira casa. Após esse movimento os donos das casas tinham cachorros.

Os cachorros saíam para passear e algumas vezes atacavam os vizinhos. Quando o jogo das casas terminou, iríamos começar um novo jogo com bolinhas de plástico, provavelmente uma batalha. Porém sentindo o momento o ego-auxiliar Juan entrou no papel de um monstro e criamos um naquele momento um novo jogo que não havia sido jogado antes.

O monstro que perseguia os meninos e que só havia um jeito de exterminá-lo: em grupo deveriam agarrá-lo, levá-lo para ilha e mata-lo. E foi assim que fizeram. Ao final desse encontro conseguimos fazer um compartilhar que foi produtivo durante alguns poucos minutos. Depois, ainda durante o compartilhar, tivemos uma descontextualização em que um dos meninos tentou agredir outro.

Neste encontro de hoje já foi possível perceber algumas evoluções, pois os tempos de permanência dentro dos contextos sociopsicodramáticos começaram a se tornar mais extensos, o que é muito bom. A unidade funcional funcionou de maneira bem positiva hoje, e a liberdade e entrega que o ego-auxiliar Juan encontrou para criar o jogo do monstro foi de grande valia e importância para o grupo, pois foi provavelmente o primeiro momento em que todos os meninos se reuniram para realizar uma tarefa com o mesmo objetivo.

Quarta-feira, 01 de maio de 2013.

Sétimo encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino G

Menino E2

Menino A

Menino I2

Menino E

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Juan (Ego-Auxiliar)

Quarta-feira, 08 de maio de 2013.

Oitavo encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino G

Menino E2

Menino A

Menino I2

Menino E

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Juan (Ego-Auxiliar)

Quarta-feira, 15 de maio de 2013.

Nono encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino G

Menino E2

Menino A

Menino I2

Menino E

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Juan (Ego-Auxiliar)

Quarta-feira, 22 de maio de 2013.

Décimo encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino G

Menino E2

Menino A

Menino I2

Menino E

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Juan (Ego-Auxiliar)

Quarta-feira, 29 de abril de 2013.

Décimo primeiro encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino G

Menino E2

Menino A

Menino I2

Menino E

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Juan (Ego-Auxiliar)

Quarta-feira, 05 de junho de 2013.

Décimo Segundo encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino V

Menino C

Menino E2

Menino E

Menino G

Menino T

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Juan (Ego-Auxiliar)

Foi um dos grupos de mais personagens até então. A unidade funcional entrou com a orientação de o tempo todo que pudesse perguntar em qual personagem cada um dos meninos estava. Buscando assim estabelecer as interações dos meninos através de personagens e não de suas próprias pessoas privadas. Houve neste encontro a entrada de um menino novo (menino T) que passou grande parte do grupo no papel de capeta. O menino V no papel de bruxa da peruca branca, o menino C no papel de bruxa má e o menino G no papel de bicho bob esponja. Realizaram-se inúmeras histórias nas quais esses personagens se inter-relacionavam.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Como unidade funcional acertamos no encontro de hoje ao entrarmos no grupo buscando sempre identificar e incentivar os meninos a se inter-relacionarem dentro dos jogos a partir de personagens. Essa orientação facilitou a criação dos contextos sociopsicodramáticos e facilitou criarmos cenários mais ricos para os jogos que realizávamos.

Quarta-feira, 12 de junho de 2013.

Décimo Terceiro encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino E2

Menino E

Menino T

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Juan (Ego-Auxiliar)

Aconteceram quatro encontros que não foram realizados os seus devidos relatos, tal como vinham sendo feitos nos encontros anteriores. Porém as dinâmicas que se apresentaram foram bem parecidas e se mantiveram em torno de jogos que envolviam Lutas de Ringue, Construção de Casa e Batalha de Bolinhas. Começamos também a criar histórias que eram realizadas com uma maior ênfase nos personagens.

O menino I2 entrou no grupo, participou de alguns encontros e logo em seguida saiu do grupo, pois saiu do SASE. Porém nesse meio tempo o grupo recebeu um novo integrante que é o menino T.

No encontro passado o menino I não participou do grupo, o que de certa forma deu um caráter agressivo ao grupo, porém menos violento. Pois de alguma forma o menino I, até então, demonstrou um tom mais violento nos jogos. Não que não exista violência realizada pelos outros integrantes do grupo, mas a questão é que talvez em I as manifestações sejam mais maliciosas ao mesmo tempo em que mais veladas na tentativa

de serem disfarçadas dentro do jogo. A violência de V, por exemplo, já é uma violência mais direta e explícita que geralmente apresenta uma ameaça antes de uma ação efetiva.

Enquanto que o menino I dentro de um personagem, por exemplo, tentaria machucar E2; o menino V dentro de um jogo sairia do papel e tentaria bater em E2 como V mesmo e não como V que está no papel x de um personagem.

Neste encontro de hoje, levamos três espadas para o grupo (canos de esponja térmica que são usados para cobrir canos de cobre que conduzem água quente). Inicialmente já houve uma disputa sobre quem seriam os portadores das espadas. Então eu no papel de diretor disse que cada um ficaria um tempo determinado com as espadas, porém minha proposta não foi bem aceita pelo grupo, gerando respostas por parte do grupo do tipo: “Ah! Que cinco minutos pra cada um o que!”.

Então optei por fazer do jogo de ter a espada um meio para entrar no “como se”. Alguns dos meninos foram até o armário e então pegaram capas e outros, luvas de boxe. Então tínhamos guerras de espadas no centro da sala e algumas perseguições com personagens como o menino T no papel de Capeta (terceira vez fazendo o personagem), o menino E2 no papel de Boxeador e o menino I no papel de Homem da Capa Vermelha.

Logo no início do grupo V agrediu E; e o menino E2 agrediu T. Então os abordei para que descessem de acordo com as regras do grupo. E2 ficou escondido embaixo das cadeiras e o V ficou chorando. Dessa vez como estávamos bem no início do grupo fiz um acordo com eles dois de que poderiam ficar. O acordo funcionou com E2, mas infelizmente não funcionou tão bem V que ao longo deste encontro esqueceu-se novamente do acordo.

Enquanto o jogo de espadas ainda continuava, V disse que queria pintar e nos solicitou o material para tal. T ao ver que V pintava também perguntou se poderia pintar. Nesse momento o ego-auxiliar Juan continuava jogando com os meninos de espadas e seus devidos personagens. Eu me aproximei dos pintores que escreviam seus nomes. V no papel de pintor me pedia que mostrasse para ele as letras do seu nome. Porém, nesse momento T também no papel de pintor o auxiliou. Dessa vez não houve grande sujeira na mesa. Após o uso do material para pintar eles guardaram as tintas, após uma leve negociação e insistência da minha parte.

Após juntarem as tintas T queria molhar o pano para poder limpar melhor a tinta que tinha ficado na mesa. (O menino T inúmeras vezes já havia representado esses papéis de organização e limpeza: gari, arrumador da casa, arrumar a sala, etc.) Porém ao

me solicitar isso ele fez de uma maneira que geralmente faz quando quer pedir uma coisa: ordena gritando como uma mãe gritando com o filho. Então nesse primeiro momento não atendi o seu pedido e respondi para ele no mesmo tom que me havia solicitado. Ao não ser atendido ele começou a bater na mesa e a chutá-la. Então ao invés de repreendê-lo comecei a fazer um espelho dele. Num primeiro momento ele intensificou suas atitudes, mas vendo que eu também as intensificava se recolheu embaixo da mesa dizendo que não queria mais brincar e dizia para mim: “Não fala comigo!”. Enquanto eu fazia um duplo dele, me aproximando da parte de baixo da mesa, dizendo: “Eu só quero molhar meu pano pra limpar, mas eu não sei pedir de outro jeito”. Enquanto isso ele insistia em dizer gritando: “Não fala comigo!”.

Dei um tempo e então após alguns minutos me aproximei da porta com o pano na mão e disse: “Eu vou ali molhar o pano alguém quer ir ali comigo”. Nisso imediatamente T disse: “Eu.”. O menino E2 que estava por perto também se aproximou, mas fomos eu e T molhar o pano. A alegria dele era visível. Voltamos e ele limpou a mesa com dedicação.

Eu estava com uma das espadas na mão. E a saga de E no papel de Samurai durante praticamente todo o grupo era ter duas espadas. O menino E queria conseguir ter duas espadas. Inicialmente E queria uma espada e uma luva de boxe que estava com o menino E2 no papel de boxeador. Depois E passou a querer as duas espadas. Então se aproximava de mim e tentava pegar minha espada. No que eu revidava e gritava em tom de guerra: “Essa espada é minha!”. E atacava o adversário com golpes de espada na cabeça. Esse jogo, entre eu e E, se tornou interessante e também divertido e desafiador para E que continuava tentando pegar a minha espada.

Após esse momento teve alguns eventos com o menino I no papel de Capa Vermelha que atacava a todos os meninos, principalmente E e E2. Houve também alguns embates entre I e V, mas que logo se dissiparam quando então V e E novamente travaram um embate forte dentro do jogo e dos personagens que estavam. Jogavam um embate de espadas, inclusive sendo bem agressivos num determinado momento. Tentávamos a cada momento mais intenso lembra-los de seus papéis.

Quando chegou na hora de fechar o encontro, o menino I e o menino V pegaram a Pantera (um boneco grande de pelúcia rosa que tínhamos a disposição na sala) e começaram a fazer gestos de como se estivessem estuprando-a. I ficou sentado em cima da cabeça da pantera dizendo: “Ela tá pagando um boquete pra mim... Vem que eu vou gozar na tua boca”. V ficou entre as pernas da Pantera como se estivesse

fazendo sexo com ela. Me aproximei da Pantera e dos meninos e perguntei pra eles o que a Pantera estava dizendo. E segundo eles a Pantera estava dizendo: “Isso! Isso! Como tá bom! Vem vem!”. E V dizia: “Isso espera aí, deixa eu abrir as pernas dela mais pra comer ela melhor.”. Dali a uns minutos os outros meninos também começaram a fazer como se estivessem estuprando a Pantera.

Esse assunto foi trazido nos minutos finais deste encontro. Embora fosse um assunto de extrema importância tínhamos o horário para cumprir. Então a melhor intervenção que a unidade funcional encontrou no momento foi dizer que era hora de fechar o grupo e ao dizer isso retirei a Pantera deles. Porém os meninos ainda continuaram realizando movimentos entre eles de como se estivessem fazendo sexo.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Reconheço que no momento que aconteceu o jogo com a Pantera me faltou espontaneidade e habilidades mais acuradas que eu pudesse usar para dar conta do grupo. Não soube o que fazer com os meninos, nem com as cenas e nem com as manifestações de sexualidade entre eles que aconteceram bem ao final do encontro.

As cenas das espadas e das pinturas foram bem importantes também. Mas quando os meninos começaram a apresentar temas de sexualidade (associado com a temática da violência) ao final do encontro, percebemos, enquanto unidade funcional, o quão importante seria essa questão da sexualidade e o quanto precisaríamos nos preparar mais e nos instrumentalizar mais para dar conta de conseguirmos realizar um trabalho legal que, ao mesmo tempo em que, não negasse essa temática, pudesse dar um direcionamento mais saudável para o tema.

Mesmo assim, me parece ter sido de grande importância que o grupo tenha trazido essa temática, pois, enquanto sociopsicodramatistas, acreditamos que é justamente naquele contexto sociopsicodramático que temos a chance de podermos trabalhar e re-significar algumas questões da psique humana e dos atos humanos.

Quarta-feira, 19 de junho de 2013.

Décimo Quarto encontro do Grupo ‘A’ Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V
C Menino
Menino E2
Menino E
Menino T
Menino G

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)
Juan (Ego-Auxiliar)

Os meninos antes de entrarem na sala onde realizamos o projeto de sociopsicorama, passaram na sala da Psicóloga Vanessa e pegaram as três espadas que lá estavam. Também pegaram a Pantera e o Bob Esponja, dois bonecos grandes de pelúcia que estavam naquela sala. Ao entrarem então na sala onde realizamos os nossos encontros os meninos já demonstraram o querer de duelar com as espadas e de estuprar a pantera e o bob esponja. Logo no início o menino I, o menino V, o menino G e o menino E2 criaram a cena do estupro da Pantera. O ego-auxiliar Juan dava, desta vez, voz a Pantera, dava voz ao sofrimento dela, enquanto os meninos a estupravam na cena.

O menino T se vestiu novamente com uma capa vermelha e entrou no papel de Capeta. O menino E entrou no papel de estuprador e tentava pegar o Bob Esponja. Eu entrei no papel de Pai e impedi que E pegasse o Bob Esponja que havia entrado, pela minha consigna, no papel de minha Filha. O menino E dizia: “Me dá ela.”. E eu perguntava: “Porquê?”. E ele dizia: “Porque eu quero estuprar ela.”. Então pegando uma espada e fazendo o papel de um pai bravo, comecei a correr atrás de E que estava no papel de Estuprador que queria estuprar a minha filha.

As vozes de insatisfação e sofrimento da Pantera, que eram feitas pelo ego-auxiliar Juan, parecem não ter surtido tanto efeito naquele momento em relação aos meninos. Então me aproximando da Pantera e falando com o ego-auxiliar Juan, entramos no papel de espectadores e começamos a falar em voz alta e a rir dos estupradores dizendo que todos eles ficariam doentes, porque aquela pantera estava doente e eles estavam fazendo sexo com ela. Todos os meninos levaram a sério aquela informação e saíram de cima da Pantera, o único que permaneceu foi o menino E.

O menino V no meio dessa confusão capturou o Bob Esponja e foi para trás das cadeiras para realizar movimentos de como se estivesse fazendo sexo com a sua namorada (Bob Esponja). O menino T continuou com a sua capa vermelha e agora usava uma peruca branca de cabelos compridos e se intitulou Rei. Nesse momento eu e o ego-auxiliar Juan entramos no papel de policiais do Rei. Os outros entraram no papel de baderneiros, ladrões e estupradores.

Tínhamos, nesse novo cenário, uma cadeia para qual eram levados aqueles que eram pegos por arruaça ou crimes. Na cadeia, quando um novo preso chegava precisava prestar favores sexuais aos presos antigos. Os policiais que eram responsáveis por aquele cárcere não ofereciam proteção.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Nesse encontro tivemos a primeira chance de trabalhar a temática da sexualidade e da violência sexual desde o início do encontro. Tivemos algumas cenas que envolviam o estupro da Pantera. Porém dessa vez tínhamos um pouco mais de recursos e conseguimos incluir outros personagens como, inicialmente o Pai da Pantera e, mais adiante, papéis como Policiais, Rei e Policiais do Rei que entraram na cena que dizia respeito a temática da sexualidade e da violência sexual.

Houve também um momento em que a temática da sexualidade apareceu sem o caráter de violência. Essa cena surgiu com o menino V ao pegar o Bob Esponja e denomina-lo sua namora. V ficou um bom tempo em nessa cena na qual se enamorava e estava como se fizesse sexo com sua namorada.

A unidade funcional funcionou de maneira muito boa e tentamos ao máximo estar atentos a cada parte de cada cena que emergia. A nossa comunicação foi bem intensa assim como a participação dentro das cenas.

Para mim também ficou registrado e confirmado o quão importante essa questão é para o grupo. Em termos de desenvolvimento do grupo parece que houve uma evolução, pois conseguimos entrar na cena a partir de personagens e ficamos praticamente o grupo inteiro trabalhando com essa temática.

A noção de *acting in* nesse momento se tornou bem importante para mim como um conceito que dava um significado e uma base para aquelas cenas que estávamos realizando ali naquele contexto sociopsicodramático. Pois a partir da teoria Moreniana o *acting in* é um recurso que é aplicado nos pacientes para que estes possam trazer seus

conteúdos psíquicos e trabalha-los, re-significando-os dentro de um contexto terapêutico e específico para evitar assim que esses conteúdos encontrem realização em papéis e contextos sociais, o que caracterizaria um *acting out* e um desserviço para a comunidade em geral e daquela região e bairro específico.

Quarta-feira, 26 de junho de 2013.

Décimo Quinto encontro do Grupo ‘A’ Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino E2

Menino E

Menino T

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Juan (Ego-Auxiliar)

No horário das 14h45min subimos eu e o Juan com os meninos para o segundo andar até a sala onde realizamos os nossos encontros sociopsicodramáticos. Antes de abrir a porta da nossa sala os meninos entraram na sala da Psicóloga Vanessa, que fica ao lado da nossa sala, e ficaram procurando a Pantera, o Bob Esponja e as Espadas. Não encontraram, pois tínhamos acordado, por sugestão do ego-auxiliar Juan, de não usarmos a Pantera no dia de hoje e caso eles trouxessem o assunto daríamos um *feedback* específico para eles.

E eles trouxeram o assunto da Pantera quando entraram na sala. Logo que entraram perguntaram pela Pantera e então o ego-auxiliar Juan começou a dar o *feedback* que havíamos combinado. Disse o ego-auxiliar Juan que a Pantera estava no hospital e que havia a suspeita de que ela estava grávida. Os meninos reagiram de maneira assustada com a notícia. Sendo que uns como o menino I, o menino V e o menino C deram pouca importância para a notícia e começaram a fazer outras coisas. Já o menino E ficou impressionado e colocou as mãos na cabeça quando dissemos para ele

que ele era o pai da criança e que seria julgado pelo juiz que estava no tribunal. Imediatamente o menino T foi designado para ser o Juiz.

Então nesse primeiro momento tínhamos o menino T no papel de Juiz, o menino E no papel de Réu, o ego-auxiliar Juan no papel de Promotor e os meninos I e C no papel de Cachorros, e os meninos E2 e V no papel de Donos dos Cachorros. Eu estava no papel de Policial que segurava o Réu para que não fugisse. Então, no cenário do tribunal começamos a investigar e apontar que existiam outros suspeitos também que haviam participado do ato de estupro à Pantera. O menino V veio para o tribunal quando solicitado. O menino I teve que ser trazido a força e o menino C se escondia da Polícia para não ser pego. Quando todos estavam no tribunal houve uma revolta dos suspeitos e deu-se fim ao júri.

Então após esse momento, os meninos começaram a trazer o tema da sexualidade novamente. Como a Pantera não estava na sala, começaram realizar os movimentos de como se estivessem fazendo sexo uns nos outros. Havia uma preferência mútua entre I e E. Faziam isso em rápidas investidas em que um tentava agarrar o outro por trás.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

O *feedback* que trouxemos e que propiciou o setting do cenário do Julgamento parece ter sido de grande relevância para os meninos. Pois mesmo aqueles que não entraram no primeiro momento demonstravam estar sentindo que os atos que eles haviam feito no encontro passado em relação à Pantera, eram atos que apresentavam sérias consequências, mesmo que tudo isso tenha se dado em contexto sociopsicodramático do “como se”.

Ainda assim vejo que essa cena não foi suficiente para uma resolução total desse tema da sexualidade para os meninos. Pois após a cena do Julgamento eles começaram a apresentar e atuar a temática de sexualidade entre eles mesmos. Alguns até entravam em um papel mais feminino aceitando a proposição do outro e outros apresentavam uma atitude de querer fugir.

Mesmo tendo ocorrido essas cenas ao final do encontro, me pareceu que o conteúdo estava mais focado na sexualidade em si e a descoberta da mesma, do que a violência sexual propriamente dita, e é possível que isso já represente uma evolução do grupo em relação a essa temática. Ou seja, começamos a sair da temática da sexualidade

atrelada a violência, para entrarmos numa temática da descoberta da sexualidade como algo que pode ser saudável.

Quarta-feira, 03 de julho de 2013.

Décimo Sexto encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino E2

Menino E

Menino T

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Juan (Ego-Auxiliar)

Antes de começarmos o nosso encontro com os meninos, Juan e eu, conversávamos se os meninos trariam novamente o assunto da Pantera. Durante o encontro o tema relacionado a Pantera não foi trazido com ênfase. Somente o menino E em algum momento perguntou sobre a Pantera. Foi dado a ele o *feedback* de que ela ainda estava no hospital.

Levamos para a sala, neste encontro, uma sacola de panos para eles usarem. Logo no início já pegaram esses panos e os usaram para criarem personagens. Então a temática da sexualidade apareceu de novo; porém dessa vez ao invés de apresentar um caráter de violência sexual, apresentou um caráter de descoberta da sexualidade (de uma forma mais saudável).

Então a cena que se criou foi um Centro de Treinamento para Transar. No centro da sala, deitados um ao lado do outro com uma distância regular que respeitava o espaço de cada um, cobertos por um pano como se fosse uma coberta, ficavam fazendo movimentos contra o chão como se estivessem transando. Ficaram alguns minutos nessa cena, cada um respeitando o seu espaço e o espaço do outro. O menino T foi o único que não participou.

Depois desse momento, aconteceu a cena dos Pintores novamente. Todos eles se sentaram espontaneamente à mesa para desenhar. O menino I no papel de desenhista, desenhou um cubo com labaredas em cima (desenho muito bem feito que chamou a atenção dos meninos que tentavam reproduzir o seu desenho). O menino E2, E, C e T tentaram reproduzir aquele desenho.

O menino I deu o seu desenho para E. E ao fazer isso colocou o seu nome (I) em várias partes do desenho e disse que aquilo era para E não dizer que havia sido ele (E) quem tinha desenhado o tal cubo. Depois desse momento o menino I desenhou um pênis com pintas. Fez um balão de fala no pênis que dizia: “Eu sou muito feio.”. E nomeou o seu novo desenho de “Juan”.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Nesse encontro tivemos dois momentos bem importantes. O primeiro foi a temática da sexualidade que nesse encontro apareceu de uma forma mais saudável, pois apareceu na forma de “Aula de Sexo” e não na forma de abuso ou violência. É interessante também ver que quando a temática de sexualidade apareceu, eles não ficaram mexendo uns com os outros. Cada um respeitou mais o espaço do outro. Trabalhamos a questão da sexualidade num cenário onde cada um estava trabalhando a sua sexualidade individual.

Após esse momento tivemos uma nova cena de Pintores que produziu desenhos bem mais elaborados que da vez anterior que essa cena apareceu. Interessante notar também que no momento dos Pintores os meninos estavam bem tranquilos sentados à mesa de uma maneira como nunca tínhamos experimentado antes, pois ficaram um bom tempo desenhando em um clima bem tranquilo e cada um respeitando o espaço do outro. Interessante notar também que a cena dos Pintores aconteceu após a cena da Aula de Sexo, sugerindo assim que o tratamento da questão da sexualidade ao longo dos encontros parece já começar a apresentar alguns resultados sutis como, por exemplo, um convívio levemente mais harmonioso em volta de uma mesa em uma cena de Pintores e Desenhistas.

Quarta-feira, 10 de julho de 2013.

Décimo Sétimo encontro do Grupo ‘A’ Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino E2

Menino E

Menino T

Menino G

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Juan (Ego-Auxiliar)

Último encontro desse semestre. Ao subir com uma garrafa de refrigerante trazida pelos meninos com copos plásticos, solicitaram que eu pedisse para a Educadora Taninha bolachas recheadas. Então disse para irmos lá pedir. Fomos eu, V, C, E e T. A Educadora Taninha nos deu três pacotes de bolachas. Por sugestão de I fizemos um círculo de cadeiras para comer as bolachinhas e beber guaraná. Ficamos ali um tempo comendo e bebendo guaraná enquanto tentávamos conversar.

Depois de um tempo desfez-se o círculo de cadeiras. O próximo momento foi quando os meninos colocaram as cadeiras uma ao lado das outras e se taparam com panos e segundo I estavam na aula de sexo. Então novamente criamos a cena da Aula de Sexo. Não participavam dessa cena o menino E2 que brincava com um gravador de voz que havia na sala e o menino T que arrumava a mesa com panos para um jantar.

Na aula de sexo existiam, segundo as palavras do menino I no papel de professor, quatro passos: “1 não trancar no sexo; 2 de ladinho; 3 lambinha; 4 meter na xota”. E ficaram ali por debaixo das cobertas durante um bom tempo. Em um determinado momento tivemos balões que entraram na cena. Alguns balões eram gemidos que se faziam ao esvaziar o ar dos mesmos. Outros balões eram como uma camisinha.

Depois desse momento o grupo ficou mais disperso e se dividiu em várias cenas. O menino G e o menino C ficaram jogando futebol. O menino E teve outro acesso de raiva quando o menino V sentou no lugar em que E estava ocupando quando este estava aprendendo a amarrar o balão para fazer uma bexiga de balão. E o menino

E2 ficava gravando palavrões no gravador e vinha me mostrar. Sendo que algumas dessas gravações eram palavrões direcionados a mim.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Nesse encontro tivemos um aquecimento onde comemos bolachas recheadas e bebemos guaraná para marcar o último encontro do semestre. No momento dos jogos e das cenas tivemos novamente a cena da Aula de Sexo, o que parece confirmar uma evolução, pois os meninos continuaram a falar sobre sexualidade sem estar relacionando esse tema com o tema da violência. Após esse momento o grupo se dispersou e tivemos vários focos de cenas.

Foi um encontro bom, pois após a cena principal da cena da Aula de Sexo, tivemos várias interações, cenas e jogos e traduziam um clima de interação um mais tranquilo entre os meninos.

SEGUNDO SEMESTRE

Quarta-feira, 31 de julho de 2013.

Décimo oitavo encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino E2

Menino T

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Vanessa (Ego-Auxiliar)

Começamos o grupo depois do recesso de duas semanas. Logo no início do encontro dentro da nossa sala, os meninos espalharam os panos que estavam dentro da sacola e fizeram coleiras com alguns dos tecidos e já começaram um jogo de Cachorro e

Dono. Tínhamos o menino I no papel de Cachorro Louco e o menino V que estava no papel de Dono do Cachorro Doido. O menino C estava no papel de Cachorro Filhote. A ego-auxiliar Vanessa estava no papel de Mãe do Cachorro Filhote e o menino E2 estava no papel de Pai do Cachorro Filhote.

Enquanto os meninos jogavam as cenas de Cachorros, o menino V entrou no papel de Capeta. Logo depois queria entrar no papel de Rei. O Cachorro I através de seu papel tentava atacar as pessoas mordendo-as. Mordia praticamente todos com preferência pelo menino E2.

Depois do jogo dos cachorros tivemos novamente o jogo da Casa. Mais uma vez o menino I anunciou e pediu para montar uma casa. Puseram um pano sobre a mesa e colocaram os tênis por cima para segurá-lo. Somente o menino V e o menino I podiam entrar e ficar dentro da casa. Enquanto isso o menino T e o menino E2 ficavam subindo numa pilha de cadeiras e pediam que eu os empurrasse até as cadeiras caírem. E ficamos ali um tempo brincando.

Enquanto a cena da casa acontecia, ocorria um cena paralela bem interessante com o menino C e a ego-auxiliar Vanessa. O menino C usando luvas de boxe batia num saquinho de pancada que tínhamos na sala e gritava: “Toma sua vagabunda. Toma.” entrando no papel de Agressor Físico à uma mulher. Enquanto ele fazia isso a nego-auxiliar Vanessa começou a dar voz para o saquinho de pancada e gritava como se fosse uma mulher apanhando e pedindo socorro.

Enquanto ela fazia isso parecia que o menino C se empolgava e batia ainda mais forte e com mais ‘realidade’. Até que chegou um momento que os gritos da ego-auxiliar Vanessa realmente deram um tom de realidade e intensidade para a cena que começou a incomodar os outros meninos que até então não estavam ligando para aquela cena. Quando os gritos ficaram realmente intensos e reais, o menino V, que estava dentro da casa junto com o menino I, saiu de lá e entrou no papel de Salvador para salvar a moça que pedia socorro fazendo uma “chave de pescoço” no menino C que estava no papel de Abusador.

Após esse momento os meninos saíram do contexto sociopsicodramático e começaram a querer brigar. Então o menino C e o menino T foram retirados da sala.

Então na cena final tivemos uma luta com luvas entre o menino I e o menino V com as devidas regras e o juiz. Depois uma luta entre I e eu. E depois mais duas lutas entre I e V. Foi uma luta bem legal com alguns deslizes, mas que de uma maneira geral seguiu as regras. As regras eram: sem chute, sem soco na cara, sem soco no saco e sem

mordida. Quem fizesse cinco pontos ganhava. Os pontos eram contados por imobilização ou pela saída de um lutador do ringue. Se o lutador não cumprisse alguma das regras dava um ponto para o outro.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Nesse encontro de retomada dos trabalhos após o período de férias tivemos várias cenas como se fossem recapitulações do semestre anterior. No início tivemos a cena dos Cachorros e seus Donos. Após tivemos a cena da Casa. Depois uma cena de Violência contra uma Mulher.

A cena de Violência contra uma Mulher, parece ter sido bem proveitosa também para o desenvolvimento do grupo, pois quando ela aconteceu tivemos o surgimento de um papel que ainda não tinha sido desempenhado pelos meninos, o papel de Salvador que foi desempenhado pelo menino V. E para finalizar o encontro, tivemos um resgate do jogo do Ringue.

Segunda-feira, 05 de agosto de 2013.

Décimo Nono encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino E2

Menino T

Menino G

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Fagner (Ego-Auxiliar)

Este grupo foi transferido para o horário das 13:00 às 14:30 nas segundas-feiras. Este dia de hoje foi o primeiro dia da Unidade Funcional Gabriel (Diretor) e

Fagner (Ego-Auxiliar). O ego-auxiliar Juan concluiu seu estágio no SASE Santa Anita e então o novo ego-auxiliar Fagner começou a fazer parte da nossa unidade funcional.

Nesse encontro tínhamos almofadas a nossa disposição. Logo no início os meninos já começaram a estabelecer as regras do jogo de empurrar com as almofadas. Porém antes de começarmos efetivamente com o jogo pedimos que parassem para fazermos uma conversa breve. Nessa conversa perguntamos se os meninos haviam notado algo diferente no grupo e eles responderam que sim: “O sor Fagner”. Então conversamos que o “sor” Fagner entrou no grupo e que estava ali para junto com todos nós trabalhar até o final do semestre. Recapitulamos algumas regras do grupo.

Então após esses ajustes conversamos sobre as regras do jogo de Almofadas para então começarmos. As regras foram bem delimitadas e descritas pelos meninos. Principalmente por I que disse: “Tem que empurrar com a almofada para o outro cair. Se o cara cai ele perde a almofada e tem que deixa-la em cima do tapete e sentar até acabar aquela rodada pra poder entrar de novo. E as almofadas que estão no tapete podem ser usadas por aqueles que ainda estão jogando”. Todos jogaram menos o menino T. E foi legal, pois respeitaram as regras do jogo e fizeram duas rodadas. Ao fim da segunda rodada o jogo terminou.

Depois disso tivemos o jogo de futebol “três dentro, três fora”. Todos participaram menos o menino T que brincava de várias outras coisas e só de vez em quando fazia alguma intervenção com os “Sores”. Os meninos ficaram um bom tempo no futebol.

Após o futebol chegamos, provavelmente, em um dos momentos em que a temática da sexualidade veio com mais força. Os meninos começaram em duplas, ou trios, a ficar pelos cantos da sala tapados com algum pano por cima como se estivessem se masturbando. Até que num certo momento se reuniram quase todos (menos T e E2) em baixo do tapete ao centro da sala e realmente colocaram os seus genitais para fora das cuecas e ficaram fazendo movimentos de masturbação. Foi um momento difícil para a Unidade Funcional, mas tentamos durante essa cena não reprimirmos os meninos, mas sim confirma-los tentando levar aquela temática para um direcionamento da saúde: tentar tratar a sexualidade como algo saudável. Esse foi nosso objetivo.

Então quando todos estavam debaixo do tapete, agarrados em suas almofadas como se fossem suas namoradas e com as cuecas abaixadas começamos uma nova cena de Aula de Sexo. O menino I era o professor novamente. Ele ensinava os passos para os

demais meninos: “O primeiro passo é endurecer o pau. Depois meter no cu. Depois na Vagina”.

Tentando sempre confirmar o conteúdo que traziam direcionando-o para a saúde, fizemos a primeira intervenção na cena ao dizer que era melhor meter primeiro na vagina e depois no cu pra não ficar sujo. Ficaram surpresos por termos entrado na cena no mesmo nível de interação e vocabulário que eles estavam usando. Foi uma movimentação importante, pois parece que ali naquele momento também fazíamos parte total da cena.

Continuou o menino I: “Depois bota o pau no meio dos peitos dela e aperta os peito assim... pra gozar na cara dela.”. Continuamos perguntado o que vinha depois. E o que se fazia depois. Segundo eles a menina “limpava a cara e engolia a goza”. O menino V falou da camisinha, neste momento, sobre a camisinha. Então perguntamos para eles quando que deveríamos usar a camisinha. O menino I, então, bem sério e malandro falou: “Ah! A camisinha é só quando o bagulho é sério. Com essas aí eu não uso.”. Daí então falamos: “Mas cara, tem que ser justamente o contrário.” E perguntei pra eles se eles sabiam pra que servia a camisinha e eles responderam que sim e que era “pra prevenir doenças e não ter filhos”. Então falamos: “Então, quando o negócio não é sério aí sim que temos que usar camisinha. Pra se proteger de doenças. Porque tu não sabes quem é a guria e o que ela faz. E também pra não ter filho. Aí quando a coisa for séria, depois de um bom tempo com ela... aí talvez seja possível pra fazer sem camisinha.” Parece que ele entenderam e gostavam daquela explicação sobre um tema de tanto interesse deles, pois ficaram prestando bastante atenção.

Aí continuamos perguntando o que eles faziam depois. Então o menino V falou em: “Gozar na cara dela e beijar a teta.” Então continuamos falando o que se fazia depois, como que se devia tratar a menina após o sexo e o assunto foi evoluindo. Então o menino I perguntou ao menino V se ele era virgem na frente e atrás. Então conversando disse que já tinha transado três vezes, mas pareceu mentira. O menino I disse que era virgem ainda.

E conversando assim abertamente sobre sexo e seus detalhes e numa linguagem parecida com a deles, parece que aquela energia sexual e aquela temática sobre sexo que eles queriam tanto trazer e falar sobre se dissipou. Também parece que eles se divertiram bastante ao longo do processo enquanto falávamos, pois riam e se empolgavam com a confirmação que estavam recebendo.

Depois desse momento começamos, mais uma vez, o jogo do Ringue. Desta vez os dois lutadores usavam luvas e relembrou, antes do jogo começar, as regras. Os meninos que lutaram foram V, I, G e C. Os meninos E2 e T2 não quiseram jogar.

Conseguimos ao fim fazer um rápido compartilhar onde todos disseram uma palavra do que acharam deste encontro do grupo. Foram palavras que confirmavam que o grupo havia sido bom. Somente o menino T falou que não havia gostado.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Nesse encontro tivemos aquecimentos com jogo de almofadas e com futebol. Após, tivemos uma das cenas mais intensas, até então, sobre a Aula de Sexo com o grupo. Essa cena foi importante, pois parece que finalmente o papel de Namorada entrou na temática da sexualidade. Isso demonstra que tivemos uma evolução nessa temática, pois a Mulher desta vez entrou na cena como uma companheira. Tivemos o papel da namorada que era cuidada pelos meninos, por mais que na interação Namorado-Namorada tivéssemos uma postura “bagaceira” por assim dizer. Outra questão importante que surgiu dessa cena foi a temática da camisinha que parece ter sido esclarecida um pouco melhor. Após essa cena eles então fizeram o jogo do ringue.

Segunda-feira, 12 de agosto de 2013.

Vigésimo encontro do Grupo ‘A’ Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino E2

Menino T

Menino G

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Fagner (Ego-Auxiliar)

Entramos na sala. Houve uma breve tentativa de fazer um jogo de Guerra de Almofadas que não funcionou. Então o menino G falou: “Não. Não. Vamos jogar bola como agente tinha combinado lá em baixo.”. Então comecei a perguntar como iríamos fazer. Quais eram as regras. E ele foi dizendo “vamo fazer dois timizinhos. Duas goleiras com os tênis”. Perguntei quem escolheria os times e ele disse “vocês” (Eu e o Fagner).

Então fizemos os dois times: G, I e eu; contra E2, V, C e o ego-auxiliar Fagner. O menino T não quis participar e preferiu ficar jogando sozinho.

Jogamos por um bom tempo e o jogo estava funcionando bem. O menino C, então, tirou a camiseta e disse: “É futebol de rua. É futebol de rua”. Quando o placar estava em 7 x 4 começaram a surgir alguns desentendimentos entre o menino G e o menino V. Então quando os dois meninos iriam começar uma briga fizemos uma pausa para retomar as regras do grupo. Os dois se acalmaram e recomeçamos. O jogo durou mais um tempo e a por causa de vários pedidos de água fizemos uma pausa para o ego-auxiliar Fagner buscar água. Embora pedissem água, quando paramos o jogo para ir buscar os copos e a jarra, ficaram insatisfeitos. Principalmente o menino V, o menino I e mais ainda o menino C.

Então pouco antes de finalizar o encontro, enquanto estávamos quase abrindo a porta já, os meninos do grupo viram que o menino T havia escondido um frasco com bolinhas perfumadas dentro da calça e, formando um círculo em volta dele, começaram a gritar: “Olha ali. Ele roubou. Ele roubou, Sor. Ele tá com um troço escondido.” E começaram a gritar: “Ladrão! Ladrão! Devolve”. Então o menino T devolveu o frasco e ficou bem envergonhado, vermelho e chorando.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Nesse encontro tivemos uma temática praticamente calcada no jogo de futebol. O contexto grupal que o futebol proporcionou pareceu interessante, pois os meninos conseguiram permanecer um bom tempo no jogo sem que brigas ou saídas do contexto do jogo ocorressem. Ao final do grupo ocorreu uma cena que foi despertada pelo menino T. Como ele havia escondido um frasco nas calças e estava levando os meninos o acusaram de ladrão. Foi uma cena interessante, pois, de alguma forma, o menino T demonstrava um ar de estar sempre acima dos outros meninos (inclusive com seus papéis de reis que gostava muito de realizar). Porém, naquela cena ele fez um ato que

naquele grupo era considerado um dos piores: o roubo. Temas como violência eram temas até banais para eles, mas o roubo era algo delicado. E nessa cena o menino T então foi uma figura central dessa temática do grupo.

Quarta-feira, 19 de agosto de 2013.

Vigésimo Primeiro encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino G

Menino E2

Menino T

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Vanessa (Ego-Auxiliar)

Hoje o ego-auxiliar Fagner não pôde estar presente, então a ego-auxiliar Vanessa participou da unidade funcional para realizarmos o encontro.

Começamos o grupo e de início os meninos já propuseram o jogo de Polícia e Ladrão. Usamos um bom tempo para construir as regras do jogo. Então selecionamos quem estaria no papel de Polícia e quem estaria no papel de Ladrão. O menino E2, a ego-auxiliar Vanessa e eu entramos no papel de Polícia. O menino I, o menino C e o menino V entraram no papel de Ladrões. O menino T não quis brincar num primeiro momento, mas mais adiante entrou no papel de Delegado. Após serem estabelecidas algumas regras os meninos descreveram de forma bem detalhada toda cena antes de começa-la.

Então, antes de começarmos, descreveram que estavam num baile funk e que daí estavam lá dançando e que num certo momento começavam a dar tiros para cima. Então chegava a polícia e começava um confronto. Após explicarem como seria a cena começaram a narrar de novo só que desta vez, ao mesmo tempo em que narravam

realizavam o que era narrado. Era como se estivéssemos fazendo uma mistura de *play back* com *play on theater*.

Começaram a fazer uma batida de funk: “Tum ta ta tum tchi cu dum tchi cu...” e dançavam na frente do espelho. Então num determinado momento o menino V no papel de Ladrão começou a atirar para cima e todos os Ladrões também começaram a atirar para cima. Então o menino I falou que nessa hora a mulher chamava a polícia. Então a ego-auxiliar Vanessa no papel de uma Mulher que Chamava a Polícia pegou o telefone e chamou a polícia: “Socorro, polícia vocês precisam vir aqui que estão atirando dentro de um baile funk”. Então o menino E2, a ego-auxiliar Vanessa e eu nos papéis de Policiais nos dirigimos para o baile funk e um tiroteio começou.

Na cena do tiroteio, vários policiais morreram. Houve uma perseguição e alguns ladrões foram presos, porém, em pouco tempo eles escapavam, pois o menino T no papel de Delegado de Polícia não estava impedindo que os ladrões fugissem. Em um momento da cena a ego-auxiliar Vanessa o menino E2 e eu nos papéis de Policiais morremos.

Então os Policiais ressurgiram no momento em que os Ladrões estavam se escondendo. Então eu no papel de Policial comecei a falar no rádio o que estava acontecendo para os outros policiais. Dizia que estava no baile funk e que não havia mais nenhum elemento lá e que suspeitava que os ladrões estivessem procurando algum esconderijo no bairro, e que, então, começaríamos a fazer uma busca pelo bairro para encontra-los.

Os Ladrões estavam em seu esconderijo, então os Policiais começaram a fazer uma busca. O menino E2 no papel de Policial desvendou onde estavam os ladrões e estes então saíram do seu esconderijo e começaram a atirar novamente. Os Ladrões mataram os três Policiais novamente. Então nesse momento o menino T entrou no papel de padre para fazer o velório dos policia que tinham sido mortos.

O menino T, então, fazia o velório e em um determinado momento dessa cena os Ladrões ainda tentavam atirar nos defuntos até que os defuntos se transformaram em Espíritos e começaram a perseguir os Ladrões. O menino G ainda no papel de Ladrão, tentou, no início, lutar contra os fantasmas. Mas vendo que os fantasmas não poderiam ser atingido por socos e balas, começou a fugir. O menino C ainda no papel de Ladrão também começou a temer os Fantasmas e os meninos I e V também no papel de Ladrões ficaram bem escondidos embaixo da mesa.

Os Fantasmas perseguiram os Ladrões e falavam em voz cavernosa: “Eu me lembro de ti. Foi tu quem me matou. Por que tu me matou? Eu vou puxar teu pé a noite.” Então o menino G deitou-se, como se fosse a hora de dormir para ver o que aconteceria. Pois foi dito que a noite os Fantasmas pegariam os ladrões. Então numa perseguição da ego-auxiliar Vanessa no papel de Fantasma ao menino G no papel de Ladrão, aconteceu que o menino G disse: “Para de me perseguir, porque eu me converti.”. Então eu no papel de Fantasma perguntei ao menino G: “Como você se converteu?”. E o menino G respondeu: “Mudando de ideia. Agora estou na paz.”.

Então eu no papel de Fantasma comecei a chorar perguntando para o menino C no papel de Ladrão: “Por que você me matou, por que você me matou?”. E o menino C no papel de Ladrão começou a ficar triste com a situação e olhou bem nos meus olhos e fez um gesto de passe de magia e disse: “Chin! Pronto agora você está vivo de novo”. E eu disse: “É verdade, mas como você fez isso?”. Então eu no papel de ressurgido disse a todos: “O menino C é Deus.”. O menino C imediatamente adorou a ideia e entrou no papel de Deus inclusive alterando o seu tom de voz.

Então o menino C no papel de Deus, me levou ao céu e me curou. O menino C no papel de Deus também levou o menino E2 ao céu e o curou. Quando o menino G quis entrar na brincadeira de forma agressiva apontei pra ele e disse: “Me lembro de ti! Você é o Anjo Gabriel.”. E a partir dessa consigna, o menino G entrou realmente no papel de Anjo Gabriel que auxiliava Deus. Então estávamos no céu a ego-auxiliar Vanessa, o menino E2 e eu nos papéis de espíritos sendo curados; e Deus junto com o Anjo Gabriel. Enquanto isso o menino V e I construía uma casa com panos azuis e vermelhos a qual disseram mais tarde ser a casa do Capeta.

Então eu no papel de Espírito que estava sendo curado fiquei um tempo em repouso enquanto Deus e o Anjo Gabriel ajustavam as coisas. O Anjo Gabriel começou a falar outro idioma enquanto me abençoava. Após um período perguntei ao Anjo Gabriel quando poderia voltar a terra e ele disse que faria eu voltar a terra. Disse junto com Deus que eu voltaria grande para a terra e que não precisaria nascer de novo. Que quando chegasse lá encontraria e teria uma casa, uma fábrica de chocolate, um carro, uma televisão, uma moto para dar para o meu filho e minha esposa. Então Deus desenhou uma cruz na minha mão esquerda e o Anjo Gabriel desenhou um símbolo

44

324

com uma numeração. Então o Anjo Gabriel estando em cima da mesa colocou as mãos na minha cabeça e começou a falar um idioma diferente e ao final do processo estava eu na terra. Quando cheguei na terra, Deus e o Anjo Gabriel pediram que eu ficasse de olhos fechados e esperasse para ver uma surpresa. Então dentro do papel comei a fazer um solilóquio me perguntando se era verdade que eu chegaria na terra e encontraria minha fábrica de chocolate, minha casa, meu carro e minha moto. Então Deus e o Anjo Gabriel criaram todo um cenário para representar as coisas que haviam prometido. Depois de um tempo pediram que eu abrisse os olhos. Estava lá então minha casa, fábrica de chocolate... tudo. E na porta de entrada da minhas casa estava escrito o número que havia desenhado na minha mão: 324.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Nesse encontro tivemos uma cena logo no início que funcionou de maneira muito parecida com as técnicas *play on* e *play back theater*. Os meninos narraram primeiro a cena e logo após nós começamos a representar aquela cena que tinha sido narrada que envolvia um conflito entre os policiais e os ladrões num baile funk. Após essa cena, tivemos a cena da perseguição de fantasmas aos ladrões que haviam matado os policiais. Após, tivemos a cena que começou com a ressurreição de um policial que levou até a cena do céu com o Anjo Gabriel e Deus.

Foi um encontro muito rico, pois ficamos praticamente todo ele dentro do contexto dramático. E isso foi a primeira vez que ocorreu no grupo. Além de termos ficado o encontro todo dentro do contexto dramático, a temática que trabalhamos foi de uma enorme riqueza. Primeiro trabalhamos uma temática bem do contexto social dos meninos que envolvia um combate entre polícia e ladrão dentro de um baile funk. E a segunda temática que surgiu foi a temática da espiritualidade. Isso também foi uma grande novidade na evolução do grupo, pois até então esse tema jamais tinha sido mencionado.

Segunda-feira, 26 de agosto de 2013.

Vigésimo Segundo encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino C

Menino T

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Fagner (Ego-Auxiliar)

Começamos montando casas. O menino I e o menino C estavam montando uma casa com os panos e a mesa da sala. Eu no papel de construtor também comecei a montar uma casa com cadeiras e alguns panos. O menino T no papel de motorista empurrava algumas cadeiras empilhadas que estavam deitadas no chão como se fosse um carro.

Houve um momento em que os personagens ainda não estavam bem definidos e que apareceu novamente a questão da masturbação. Pois o menino I e o menino C que estavam dentro da casa começavam a falar sobre a questão. A unidade funcional rapidamente se reuniu pra definir o rumo daquele movimento. E então de acordo com o que havia sido conversado em supervisão anterior no IDH decidimos intervir e questioná-los se aquele era o lugar adequado para aquilo. Nosso objetivo com essa intervenção era definir os limites e lugares para a masturbação real. Então abordamos os meninos I e C. Ficaram rindo e quando foram perguntados se aquele era o lugar adequado para aquilo ficaram inicialmente sem resposta. Então eu disse: “Acho que isso é bem natural, mas vocês não acham que isso tem que ser feito em casa, no banheiro? Acho que no banheiro é o melhor lugar de fazer isso e não aqui.” Parece que gostaram da reconfirmação de que aquilo não era errado ou ruim, mas que havia lugares mais adequados e momentos mais adequados para se masturbar.

Então depois desse momento passamos a fazer a cena das casas usando personagens. O menino I entrou no papel Morador e de Filho de um Policial. Eu entrei no papel de Prefeito da Cidade. O menino T entrou no papel de Lixeiro do Caminhão do Lixo. E o ego-auxiliar Fagner entrou no papel de Auxiliar do Lixeiro.

A cena principal então começou quando o Lixeiro do Caminhão do Lixo foi recolher o lixo da casa do menino I no papel de Morador e Filho do Policial. No lixo

que foi recolhido foi identificado um animal. Então o Auxiliar do Lixeiro viu que era um animal vivo. Então os Lixeiros foram, reclamar para o Prefeito da Cidade que haviam encontrado um animal vivo no lixo de um Morador. O Prefeito mandou então o ego-auxiliar Fagner no Papel de Policial ir até a casa daquele Morador para este prestar satisfações. Neste momento o menino C no papel de Pai do Morador entrou na cena e disse que aquela era a casa do filho dele e que ninguém poderia fazer nada porque ele não iria deixar. Neste momento o Prefeito disse: “Quem manda nessa cidade aqui sou eu. E ele vai ter que prestar satisfação sim.” Nisso o Pai do Morador ficou irritado e encarou o prefeito e disse: “A é? Tu vai ver então!” e começou a destruir a prefeitura que estava montada com cadeiras ao meu lado.

Nisso o prefeito ficou extremamente irritado e revidou então destruindo toda a casa do Filho daquele Pai mandando outros Policiais (neste momento o ego-auxiliar Fagner e eu) destruírem a casa. Esses Policiais então mataram o Morador da Casa e o Pai do Morador. Estes então entraram no papel de Zumbis e começaram a perseguir os que estavam vivos. O Prefeito foi comido pelos Zumbis e virou um Zumbi também. O Lixeiro também foi comido por um Zumbi e virou Zumbi. Restou somente o Policial (Fagner) que foi perseguido por todos os Zumbis.

Depois dessa primeira cena houve uma pausa e bebemos água. Quando acabaram de beber água começamos então uma nova cena. Nesta nova cena o menino I era Deus, o menino C era o Anjo, eu era uma Pessoa que Precisava de mais Saúde e Dinheiro. O menino T era uma pessoa que Precisava se Curar da Garganta e o ego-auxiliar Fagner era um Usuário de Drogas que Precisava se Livrar do Vício. Tanto a cena quanto os personagens foram sugeridos pelos meninos I e C.

Foi uma cena de qualidade, pois todos os participantes entraram nos seus papéis e respeitaram o contexto dramático. O menino Iago ficou em cima da mesa atrás da cortina envolto em uma capa e falava com voz diferente desempenhando o papel de Deus. O menino C no papel de Anjo da Guarda era quem levava e trazia os recados de Deus para as pessoas da Terra.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Antes de entrarmos realmente no contexto dramático, houve um evento em que a questão da masturbação quase emergiu. Porém a unidade funcional estava nutrida com algumas orientações que recebeu em supervisão no IDH e conseguiu imediatamente

orientar os meninos sobre os contextos de cada atividade que fazemos na vida. Foi um passo bem importante, pois acredito que conseguimos com isso afinar alguns valores e afinar melhor o respeito que devemos ter para com os contextos. A recepção dos meninos em relação ao nosso *feedback* foi muito positiva, pois entenderam rapidamente e pararam na hora de dar seguimento àquele assunto.

Quando entramos no contexto dramático tivemos uma cena inicial que falava de casas, moradores, lixeiros, prefeitos e policias. Num dado momento da cena esses personagens se desentendem e isso acabou gerando um conflito dentro do contexto dramático. Essa cena foi de grande importância, pois conseguimos com ela falar de inúmeros temas como, por exemplo, cidadania, política e valores sociais.

Na sequencia das cenas surgiu a cena dos Zumbis. Os personagens da cena anterior morram em cena e viraram Zumbis que começaram a perseguir os outros personagens da cena que estavam vivos. Essa cena então evoluiu para, novamente, a cena de Deus e do Anjo da Guarda. Só que desta vez os que estavam interpretando esses papéis não eram os mesmos do encontro anterior. A temática de auxiliar e curar os que necessitavam foi a tônica desta cena.

Novamente, então, tivemos um encontro onde ficamos praticamente todo o tempo dentro do contexto dramático, o que demonstra um melhor aproveitamento do grupo e um melhor entendimento dos meninos em relação aos contextos.

Segunda-feira, 02 de setembro de 2013.

Vigésimo Terceiro encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino V

Menino C

Menino G

Menino E2

Menino T

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Fagner (Ego-Auxiliar)

Esse encontro foi todo em cima do Jogo de Futebol. Os meninos entraram com uma bola de plástico leve e maior do que a de pano que tínhamos na sala e sugeriram o Jogo de Futebol. O menino G foi um dos que mais insistiu para que realizássemos o jogo. O jogo teve pontos positivos como o fato de terem escolhido o menino E2 para ser Goleiro. E o fato de o menino T também ter participado como Goleiro por um bom tempo no jogo. Os times eram os meninos I, C e G contra os meninos E2, V, T, o ego-auxiliar Fagner e eu. Ficamos este encontro inteiro realizando este jogo.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Após uma série de cenas que envolveram o contexto dramático e que pudemos trabalhar uma série de temáticas com todo o grupo, parece, como ficou constatado neste encontro, que o grupo entrou numa fase em que precisava realizar alguns encontros que se fizessem com jogos de contexto grupal, de jogos que se realizassem dentro do contexto grupal e que fortalecessem os vínculos e relações que eles estavam estabelecendo dentro do contexto grupal.

Vigésimo Quarto, Vigésimo Quinto, Vigésimo Sexto, Vigésimo Sétimo, Vigésimo Oitavo, Vigésimo Nono e Trigésimo Primeiro Encontros do Grupo ‘A’ Tarde.

Grupo

Menino I

Menino V

Menino C

Menino G

Menino E2

Menino T

Unidade Funcional

Gabriel (Diretor)

Fagner (Ego-Auxiliar)

Nestes encontros mencionados acima trabalhamos principalmente com a temática de Jogos como Futebol e Pular Corda, isto é, com jogos de contexto grupal que não entrassem em contexto dramático. Foi um momento bem interessante do grupo em que poucas cenas eram trazidas ou sugeridas. Houve também uma constatação de interações com traços mais harmoniosos entre os meninos no jogo de contexto grupal. Houve, por parte deles, uma maior inclusão do menino E2 e do menino T nos jogos, que geralmente eram não escolhidos pelos demais. Isso também nos indica que houve uma melhora da unidade de grupo que se formava ali. Os jogos e cenas que entrassem em contexto dramático não pareceram ser tão bem vindas neste período. Essa movimentação parece ter sido um resultado de uma reorganização e de uma reestruturação das relações e dos modos de se relacionar entre os meninos que começou a acontecer neste período.

Segunda-feira, 04 de Novembro de 2013.

Trigésimo Segundo encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino C

Menino T

Menino V

Menino E2

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Fagner (Ego-Auxiliar)

Neste encontro a principal cena surgiu a partir de um momento em que os meninos entraram no papel de cantores e rappers. Tínhamos três atrações principais. Os meninos I e C eram dois rappers que se apresentavam juntos e criavam as suas músicas na hora. O menino T estava no papel da cantora Alcione e se apresentava cantando as músicas desta. E o menino E2 também era um rapper e se apresentava sozinho.

Então jogávamos futebol, e a cada intervalo do jogo, que geralmente era delimitado por um gol, fazíamos uma apresentação dos artistas. As cenas das

apresentações ficaram tão boas que o jogo de futebol foi deixado de lado e ficamos concentrados só na cena das apresentações.

O ego-auxiliar Fagner e eu estávamos no papel de público quando as apresentações aconteciam. Os meninos I e C apresentavam músicas com letras que criavam na hora que demonstravam grande habilidade. O menino T apresentava todo um cuidado com as roupas e vestes de sua personagem antes de subir ao palco. Mas o ponto mais importante do dia parece ter sido na terceira apresentação do menino E2. Pois quando E2 subia ao palco sozinho e começava a cantar, todos os outros meninos, principalmente os meninos I e C começavam a fazer barulho fazendo com que a sua apresentação não pudesse ser vista. Então na terceira vez que o menino E2 subiu ao palco e, nós da unidade funcional, percebemos o quanto ele murchava quando os outros meninos começavam a fazer barulho na sua apresentação, começamos a chegar perto do palco e a incentivar o menino E2 no papel de rapper para que ele cantasse mais alto então que a plateia, pois essa era uma das características dos grandes artistas.

O menino E2 então começou a ganhar forças e realmente se expandiu como nunca antes havíamos visto. Ergueu sua postura e pareceu até ficar maior, começou a cantar mais alto e na letra que estava cantando começou a fazer um rap que falava dos meninos I e C que estavam o atrapalhando. Pela primeira vez vi o menino E2 conseguindo realmente se impor perante os meninos I e C.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Neste encontro tivemos uma questão bem importante, pois o menino E2 conseguiu pela primeira vez em contexto sociopsicodramático se impor perante os meninos I e C. Essa movimentação nos leva a pensar que os encontros em que foram trabalhadas algumas questões das inter-relações do grupo começaram a surtir efeito. Pois o menino E2 conseguiu se colocar de maneira mais potente perante os outros meninos.

Segunda-feira, 11 de Novembro de 2013.

Trigésimo Terceiro encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino C

Menino C2

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Busquei os meninos na sala de baixo enquanto eles faziam alguma atividade esperando a hora do grupo de sociopsicodrama. O menino I e o menino C demonstraram alegria e quando viram que eu estava ali presente. Neste dia chovia torrencialmente e Porto Alegre apresentou a média de chuva de um mês dentro do período de um dia. A expectativa de uma não presença dos professores era esperada por eles, imagino eu. Como estavam presente somente os dois (menino I e C), perguntaram para mim se o menino C2 (que não pertencia ao grupo) poderia fazer participar do nosso encontro de hoje. Na hora senti que era propício e aceitei o convite.

Subimos para a nossa sala onde realizamos nossos encontros e desde o início os meninos já demonstraram estar dispostos em entrar em contexto sociopsicodramático. Uma das primeiras falas do menino I ao ver a mesa embaixo da janela foi: “Olha só.... O Sor já deixou aqui organizado pra agente montar uma casa.”. Fazendo referência às inúmeras vezes em que construiu uma casa usando a mesa como estrutura.

Depois desse momento, mostrei para o menino C o dinheiro falso (notas antigas) que ele havia me solicitado no encontro passado e ele gostou da ideia enquanto já fazia uma pergunta na sequencia: “Cadê os panos aqueles, Sor?”. Fui buscar os panos que estavam na sala ao lado e voltei.

Começamos criando várias cenas nas quais escolhíamos os personagens antes, então descrevíamos a cena e então encenávamos. Fizemos isso várias vezes, algumas vezes a narrativa era feita durante a própria cena, alternávamos entre as técnicas *playback* e *theater*.

A estrutura básica das cenas que se seguiram era praticamente a mesma em todas. Um personagem chegava numa cidade diferente (eu) e então os outros três personagens agrediam o visitante verbalmente. Algumas vezes o primeiro contato era amigável, mas em seguida começavam as respostas agressivas. Entrei em diversos papéis como, por exemplo, o surfista, o lixeiro, o índio. Esses papéis eram escolhidos pelos meninos Então personagem que chegava na cidade que não conhecia se sentia mal

e começava a perseguir os que os agrediam. Quando ele chegava perto daqueles que o agrediam, estes se transformavam em estátuas.

Então evoluímos para a segunda cena que durou praticamente todo o resto do tempo que tínhamos para este encontro. A cena era a seguinte: existiam três estátuas que tinham dinheiro dentro e que estavam no topo de uma montanha. Um caçador de estátuas estava a procura delas há muito tempo. Para chegar até a montanha onde elas estavam era preciso passar por um grande lago que possuía ilhas que permitiam que se chegasse até a montanha. Essa descrição da cena foi feita verbalmente pelos meninos e acontece antes da cena começar a ser feita. Enquanto narrávamos a cena montávamos o cenário com panos, cadeiras e mesas. Os meninos entraram então no papel de Estátuas e eu entrei no papel de Caçador de Estátuas e começamos a cena.

O Caçador de estátuas conseguiu chegar até a montanha e encontrou o dinheiro das Estátuas. Então, com o dinheiro em mãos voltou para a sua casa para mostrar que havia encontrada para seu pai, que foi criado pelos meninos e que não estava sendo representado por ninguém, era um personagem que existia somente na história. O Pai do Caçador de estátuas disse então que aquele dinheiro não era o suficiente porque ele havia ganhado na loteria e havia perdido tudo e estava agora mais pobre. Então, neste momento, a voz de Deus (feita pelo menino C2) disse para o caçador que deveria devolver o dinheiro.

O Caçador de Estátuas então precisou fazer toda a sua saga novamente para subir até aquela montanha e devolver o dinheiro para aquelas estátuas, pois eram estátuas mágicas que nunca deixavam de brotar dinheiro e que não podiam ser roubadas. Quando o Caçador de Estátuas começou a devolver o dinheiro para as Estátuas elas começaram a cair da montanha e foram até o chão, sendo que todas as três estátuas tiveram alguma parte quebrada. Agora então o Caçador de Estátuas precisava reparar aquelas Estátuas e recoloca-las lá no topo da montanha novamente. Foi uma tarefa difícil, mas chegou um momento em que ele conseguiu êxito.

Numa cena seguinte, as mesmas Estátuas estavam à beira de uma fonte, de um lago e esse caçador se aproximava desse lugar maravilhoso e admirava a paisagem. Num certo momento ele sentia que alguém o chutava e não conseguia saber quem era. Até que certo momento descobriu, o Caçador que o chutava eram as Estátuas e começou então a falar com elas. Ao final da cena o Caçador descobria que eram estátuas mágicas, antigas crianças que um dia foram petrificadas.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Foi um encontro bem positivo também, pois os meninos I e C apresentaram escolha sociométrica positiva em relação ao menino C2 e o incluíram de uma maneira nos jogos como não tinha visto com nenhum outro menino. A permanência em contexto dramático foi também de grande duração. Interessante notar que a interação apresentou um clima de bastante cooperação entre os meninos.

Segunda-feira, 18 de Novembro de 2013.

Trigésimo Quarto encontro do Grupo ‘A’ Tarde

Grupo:

Menino I

Menino C

Menino T

Menino V

Menino E2

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Fagner (Ego-Auxiliar)

A cena mais importante do encontro do hoje foi a cena do Travesti. O menino T num certo momento envolto em uma capa vermelha como se fosse um vestido falava e andava como se fosse uma mulher. Num determinado momento o menino I e o menino V roubaram o pano vermelho do menino T no papel de mulher. Então o menino T ficou bem irritado e bravo com o fato do roubo e quase saiu do contexto dramático. Nesse momento então tentei direcionar o roubo do pano como um evento de dentro da cena em que o menino T estava. Então os próprios meninos que roubaram entraram no papel de Travestis e o pano passou a ser a Peruca dos Travesti.

Então todos os meninos entraram na cena como Travestis que ficavam disputando aquela peruca vermelha. Essa cena foi bem importante, pois o menino T se incluiu e foi bastante incluído na cena pelos outros meninos.

Num determinado momento em que os meninos I, V e C no papel de Travestis estavam intercalando a posse da peruca, o menino T, também no papel de Travesti, então, realmente se esforçou para resgatá-la. Então quando o menino T investiu com força para resgatar a sua peruca, o menino I que estava com ela começou a fazer do resgate da peruca uma cena de como se o menino T no papel de Travesti estivesse abusando e violentando o menino I no papel de Travesti.

Essa cena então durou uma boa parte do tempo se alternando entre todos os meninos. Isso me pareceu bem importante, pois todos os meninos (inclusive aqueles que haviam participado da cena do Estupro da Pantera) entraram no papel de estarem sendo abusados indicando assim uma primeira inversão de papéis desse tema em contexto dramático.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

Neste encontro também tivemos mais uma grande evolução. A primeira foi a inclusão e maior socialização que o menino T apresentou em relação aos outros meninos, e estes em relação à ele. A segunda evolução foi a forma e a temática que surgiram com as cenas dos Travestis. Pois num determinado momento a cena evoluiu de uma busca pela Peruca Vermelha para uma cena de violência e Abuso de Travestis contra Travestis.

Essa cena foi de grande relevância, pois todos os meninos (inclusive aqueles que haviam participado da cena do Estupro da Pantera) entraram no papel de estarem sendo abusados indicando assim uma primeira inversão de papéis desse tema em contexto dramático. Apesar do teor da cena, ela apresentava um caráter cômico, no qual os meninos riam bastante e conseguiam inclusive fazer inversões de papel durante a cena.

Segunda-feira, 25 de Novembro de 2013.

Trigésimo Quinto encontro do Grupo 'A' Tarde

Grupo:

Menino I

Menino C

Menino T

Menino V

Menino E2

Unidade Funcional:

Gabriel (Diretor)

Fagner (Ego-Auxiliar)

Neste encontro os meninos já entraram na sala propondo um jogo que haviam pensado antes de começar o nosso encontro. O jogo era o Assalto à Biblioteca. Formamos dois times: bibliotecários e assaltantes. Então antes de começarmos o jogo os meninos fizeram um breve relato das regras do jogo e um breve relato de como deveria começar a cena.

Fizemos umas duas vezes o jogo. Porém ao final da segunda vez os meninos, infelizmente, saíram do contexto dramático e começaram a querer a brigar. Então imediatamente e deliberadamente terminei o encontro daquele dia.

Minhas Reflexões ao Final deste Encontro

A proposição do jogo feita pelos meninos foi bem legal. Porém a saída de contexto que ocorreu e que gerou quase uma briga foi bem significativo para o último encontro do grupo. Pois o grupo vinha num crescente bem forte cada vez mais respeitando os contextos e permanecendo cada vez mais dentro do contexto dramático durante os encontros. Neste último encontro isso não aconteceu. Mas deixou uma mensagem importante: que embora houveram evoluções visíveis dentro do grupo, ainda há muito trabalho a ser feito com os meninos. E essa mensagem me dá a fotografia real da situação do grupo e me dá mais força para querer continuar a realizar um trabalho junto com eles, para que cada vez mais possamos estabelecer relações mais respeitadas.